O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 29 DE SETEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:730

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Ao «JORNAL DO PORTO».—Ao «JORNAL DO COMMERCIO».—A' «REVOLUÇÃO DE SETEMBRO».—A' «DEMOCRACIA».—DESMENTIDO.—ESCAVAÇÕES.—A QUESTÃO DO DIA.—A ELEIÇÃO DE AVEIRO.—NOTICIARIO.—CARTA DE LISBOA.—COMMUNICADOS, ANADIA.—PARTE OFFICIAL.—PAGINA LITTERARIA: A CREANÇA, *por F. A. Fernandes Ribeiro*; A' BEIRA DA MORTE; TIRE O CAVALLO DA CHUVA, *por Dr. Castro Lopes*; FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

AO «JORNAL DO PORTO»

No *Jornal do Porto* lemos um artigo sobre a questão d'Aveiro, de todo o ponto contrario á verdade dos factos. E como é preciso fazer historia, mais uma vez nos apressamos a traçal-a, para melhor orientação da opinião.

O sr. governador civil d'Aveiro em julho de 1887 dissolveu a meza da misericordia com o fundamento de não ter ainda apresentado o orçamento da receita e despeza, como era obrigada a fazel-o, nos termos do Cod. Adm.

A commissão fora nomeada até ao praso da nova eleição, conforme a auctorisação conferida pelo mesmo Cod. A nova eleição devia portanto verificar-se em 2 de julho de 1889, epoca marcada nos Estatutos.

A commissão conheceu, ao tomar conta do hospital, as difficuldades com que tinha a luctar, por não poder ser peor o pessoal empregado nas enfermarias. Cortou por abusos inveterados, arrematou o fornecimento dos generos, proveu a casa de roupas, de instrumentos cirurgicos, etc., mas, apesar da sua boa vontade, o desmazelo e a má vontade continuavam, contrariando o esforço da dedicação e o trabalho aturado dos novos mezarios.

No fim de tres mezes substituiu o pessoal, chamando quem melhor podesse auxilial-a na missão que se impozera. Tres mezes depois, vendo que não havia resultados apreciaveis para o estabelecimento, mandou vir um enfermeiro [illegible] meou pessoa do sexo feminino especialmente encarregada das enfermarias das mulheres.

Ainda esta terceira tentativa não tatisfez a commissão, pois que a despeza não tinha diminuido e tudo continuava no desalinho dos antigos tempos. Foi então que assentou em chamar as irmãs hospitaleiras. Esta resolução partiu exclusivamente do desalento que se apoderou da mesa, ao ver que, com o pessoal assoldadado, não era possivel fazer d'aquelle estabelecimento de caridade um hospital, onde os enfermos encontrassem bom gasalhado, quando em outras terras do reino as casas hospitalares eram modelo de aceio, conforto e economia, sem que levantassem atrictos ás administrações o chamamento e conservação d'aquellas mesmas senhoras.

O que se tem em vista quando se dirige um hospital? Que em tudo e por tudo se attenda aos fins da instituição. Administrar não é fazer politica. Em Lamego, na Regua, Barcellos, Guimarães, Braga, Vianna e Monsão ha partidos que se degladiam: mas em nenhuma d'estas localidades se fez questão politica com as irmãs hospitaleiras em serviço nos seus hospitaes civis. Todos concordaram na manutenção dos estabelecimentos hospitalares á altura das rasões que haviam determinado a sua fundação e ninguem se occupou em desacreditar o que era bom, o que prestava serviços relevantes á humanidade.

A meza, deliberando tomar ao seu serviço as irmãs hospitaleiras, não consultou a auctoridade administrativa, nem mesmo curou de saber se a medida desagradava a alguns, ou a muitos dos seus amigos. Attendeu só ao fim, sem curar se o acto seria mal apreciado por os que se intromettem em cousas a que ella deve ser completamente estranha.

Na meza não havia reaccionarios. Todos os vogaes d'ella são bastante conhecidos pelos seus sentimentos liberaes, para que tratemos agora de exhibir os documentos comprovativos do seu amor á liberdade. Ninguem em Aveiro é reaccionario; pelo menos nenhum cidadão merece n'este ponto ser averbado de suspeito; e se ha quem exagere, a ponto de se transformar em jacobino, é certo que a reacção religiosa não encontra sectarios n'esta cidade, onde todos pensam livremente. Pechosos encontram-se em todos os campos, e por isso não estranhamos que surgisse um ou outro a combater as irmãs hospitaleiras, que a França republicana acolhe nos seus hospitaes e condecora por os seus feitos em prol da humanidade.

O que podemos asseverar ao *Jornal do Porto* e a toda a imprensa, é que o procedimento das irmãs hospitaleiras em Aveiro foi tão correcto, que a primeira a lastimar a sua ausencia foi a população militar, a mais numerosa que dá entrada n'aquella casa hospitalar. Com a vida da caserna, e sabendo que o estado dá um subsidio relativamente avultado por cada praça de pret que ali entra em tratamento, o testemunho favoravel dos soldados, cabos e sargentos, é a mais eloquente demonstração a favor do regimen adoptado pela meza.

Desde 16 de março ultimo até ha poucos dias em que aquellas sr.as abandonaram o hospital, o seu procedimento foi irreprehensivel. De como ellas sabiam occupar-se da sublime missão que se impozeram, dizem-no os que ali entraram para serem tratados e a propria meza administrativa. Em seis mezes de exercicio, nem uma falta, nem um acto sequer que se tornasse suspeito á administração. Nenhum lazarista ou jezuita veio visital-as. Occuparam-se das suas obrigações quotidianas com dedicação inexcedivel.

Para que serviu então dar rebate no campo liberal? Para que se fizeram comicios, e se arvorou a imprensa local em pasquim, onde se diffamaram as pobres sr.as, e bem assim as pessoas que as tinham chamado só por espirito de administração e de caridade? A' vista do que ahi se passou desvaneceram-se no nosso espirito as impressões desagradaveis que recebemos ao ler pela primeira vez as peripecias sangrentas da revolução de 1789, os libellos de Marat e de Herbet, as scenas da Abbadie, da Conciergerie, de Lyon e de Nantes, quando o tribunal revolucionario julgava em massa os suspeitos, e em 2 de setembro os condemnava á matança, mandando-os afogar no Loire, ou fusilar no Rhodano. Aqui em Aveiro, havia tambem um *Pere Duchesne*. Aos contrarios chamava-se-lhes nas columnas destinadas a evangelisar o credo da democracia—ladrões, bandidos, e até Borgias e alcayotes de padres!... Cada individuo que quizesse fazer frente á propaganda d'estes iconoclastas do dever e da honra, era coberto pelos baldões da diffamação, que se comprazia de vazar as injurias mais grosseiras, a proposito de uma questão, que devia ser apenas tratada no campo das conveniencias sociaes, no terreno da reflexão, ponderando se as vantagens e as desvantagens de confiar em Aveiro o serviço das enfermarias ás irmãs hospitaleiras [illegible] po nas nações mais cultas da Europa e do mundo.

Pois aqui não se fez assim. A loucura chegou a ponto de ameaçar com a morte os que ousassem antepor-se á execução dos planos liberticidas dos *sans-culottes*, que exploram o bem estar das familias, arranjando casamentos ricos, ainda com herdeiras impuberes, não obstante terem proclamado que a mulher só depois dos 21 annos estava habilitada a constituir familia!... E quando nos tribunaes lhes exigiram a responsabilidade dos seus desbragamentos de linguagem, esconderam-se por traz de um testa de ferro, com paradeiro incerto, fugindo assim á acção da lei que não se pejaram de infringir publicamente!...

Quanto aos ultimos acontecimentos, devemos accrescentar, que a auctoridade administrativa não influiu na eleição, que foi liberrima, não havendo pressão official, ao contrario da opposição que sendo composta de gente de todos os matizes, ao ver perdida para ella a campanha, derrubou a urna, desfel-a á cacetada, espancando quantos queriam frustrar-lhe os planos. E depois, no intuito de declinar a responsabilidade da desordem, que só ella tinha promovido, attribuiu aos adversarios as suas manhas de guerra, imputou-lhes a viciação do acto eleitoral por meio de um punhado de listas arremessadas para dentro da urna, disse que os cadernos tinham sido rasgados por um dos vogaes da meza, e vae a verificar-se o caso, e são encontradas desacompanhadas de outras as quatro listas que restavam por escrutinar, e os cadernos apparecem intactos, o que prova bem que só de embustes vivem os que teem por missão faltar á verdade, mentindo até á propria consciencia!

Por aqui verá o *Jornal do Porto* a casta de gente que em Aveiro esquece tudo, posição official, deveres de familia, relações sociaes, tudo, tudo, obedecendo apenas a paixões desenfreadas, que a levaram á calumnia e á arruaça. E diga-nos depois o contemporaneo, se a imprensa se criou para respiradouro de odios e a liberdade para tripudio de hottentotes, que pretendem passar por homens bem educados, e amantes do progresso e da civilisação.

Por ultimo temos a dizer ao contemporaneo, que não receamos que nos desmintam, porque o que ahi fica é a verdade historica, que não alteramos, porque julgamos friamente os homens e as cousas.

AO «JORNAL DO COMMERCIO»

O *Jornal do Commercio* deitou foguetes e foi-se muito ancho de si atraz do hymno. Falla em liberdade, elle, o orgão da intolerancia! Allude a processos empregados na eleição da misericordia, a folha que insulta o partido liberal ao chamar-lhe reaccionario! Ataca o governo e o partido progressista, o orgão da incontinencia partidaria, que torna politica uma questão de pura administração, não vendo os individuos que desfizeram a urna á paulada, para annullarem a eleição, que os nossos amigos tinham vencido a despeito das traficancias, dos abusos, das violencias de uma opposição desnorteada, perdida, que ameaçava recorrer á arruaça, logo que se convencesse que a eleição estava perdida para ella!

Dil-o e affirma-o a sua imprensa, que todos os dias ahi ameaça com a desordem e com a violencia.

Nem o governo, nem o governador civil, nem o sr. deputado Mattoso se preocuparam com a eleição, entregue de um lado a amigos nossos muito dedicados, e do outro a bandos de diversas procedencias, consubstanciados pelo odio que professavam ao governo e á administração da misericordia, que lhes tolheu a industria lucrativa dos fornecimentos, pois é bom que se saiba que na meza dissolvida havia mezarios que eram tambem fornecedores!... E como se poz ponto final a semelhantes irregularidades, levantou-se a guerra contra um regimen que tolhia os manejos das especulações ignobeis!...

Estes são os factos que todos sabem em Aveiro, onde escrevemos, e que se commentam com grave escandalo para a colligação.

E não venham fallar-nos em José Estevam, para cuja estatua todos nós concorremos com o nosso dinheiro. E não alludam á memoria do grande tribuno, que, se vivesse, seria o primeiro a expulsar do templo os vendilhões que o emporcalham. O partido progressista sabe honrar os que prestaram serviços relevantes á liberdade, omittindo o *Jornal do Commercio* muito de industria o nome do duque de Loulé, o fidalgo que ahi mais se assignalou na defesa das prerogativas populares, que elle ajudou a conquistar de camaradagem com D. Pedro IV. Pois que! foi o partido progressista que lidou para que o estado cedesse o bronze para a estatua, foi elle quem se empenhou por que o monumento se levantasse depressa, arranjando que a fundição se verificasse no arsenal; e ainda aquella folha [illegible] narios os homens d'Aveiro que mais se distinguiram nas luctas da palavra escripta, terceando com as folhas da capital que tinham aquella origem!...

Liberaes, elles, que estão ao serviço dos homens de negocio! reaccionarios nós, que não comprehendemos que possa haver liberdade sem ordem e sem tolerancia!

Amachucado, segundo elles, o escudo das nossas tradições nobiliarchicas! engrandecido, conforme a mesma versão, o caduceu alado, que é simbolo das especulações vantajosas! Farçantes! e derramam ainda lagrimas pelos cidadãos que em nome da ordem foram encurralados nos porões dos navios de guerra, por andarem ás soltas no campo da anarchia estipendiado! E malsinam a liberdade do voto, vociferando contra os arruaceiros d'Aveiro, a cujo lado se collocam em nome dos interesses illegitimos!

Na terra do grande tribuno, a quem prestamos o tributo de saudade sem baixeza, sômos nós quem tem direito de fallar alto, porque nunca especulamos com a perversão dos costumes, nem fizemos obra pelos preconceitos de facção. Para todos os nossos adversarios temos sido tolerantes, a ponto de favorecermos a muitos d'elles nas suas pretenções individuaes. E' verdade que nos teem pago em moeda de máu toque, chegando até a fazer côro e liga com os nossos mais irreconciliaveis inimigos. E por fim, nós é que somos os reaccionarios, e o *Jornal do Commercio* a *nata dos liberaes*, atirando-se de cabeça nas questões mais irritantes, e isto a bem do idolo da rua dos Fanqueiros, que é um espertalhão; que faz politica grossa, e se arrenega quando lhe trilham os calos.

Magnifica e concludente esta burnaysia, mais mascavada que o joio lançado á margem pelos moageiros, que arremessaram o seu véto absoluto na questão do pão, como se o povo devesse ser explorado por elles e mais pelos que commerceiam com a ignorancia do vulgo. E no fim toque o hymno a folha lisbonense, e mostre-se á altura da gravidade das circumstancias. Lá tem as suas rasões para apoiar os temulentos d'Aveiro e os que foram colhidos na rusga da policia e por esta encurralados nos porões dos navios surtos no Tejo.

Tartufos sempre, chamando aos outros os nomes que assentam bem nas suas illustrissimas prosapias.

A' «REVOLUÇAO DE SETEMBRO»

A *Revolução de Setembro* veio tambem de reforço aos licensiosos de cá. Entende a velha matrona, que deve renegar em publico e raso as doctrinas de Fontes e de Sampaio. E por isso apoda de reaccionarios aos que chamaram para o nosso hospital civil as irmãs hospitaleiras, não lhe occorrendo que quem as chamou combateu em 1858 a direcção do ensino nos azylos das irmãs da caridade, isto é quatro annos antes de José Estevam ter feito na camara a campanha contra ellas não obstante encontrar na sua frente entre outros, Fontes, Sampaio, Martens Ferrão e Cazal Ribeiro!

Saiba porém a *Revolução*, que se as irmãs hospitaleiras foram incumbidas em Aveiro do hospital civil, foi porque o pessoal leigo era detestavel, sendo nauseento o estado das enfermarias, e dispendendo-se muito dinheiro, que ia engordar os fornecedores e o mesmo pessoal. Para obstar a esta anarchia é que se estabeleceu o regimen das irmãs hospitaleiras, adoptando-se aqui o que se estava fazendo em muitas das principaes terras do reino, onde aquellas sr.as tem prestado serviços relevantes, exactamente como em Aveiro, onde ellas procederam com tamanha correcção, que nem sequer uma queixa ou reclamação se apresentou em meza contra ellas.

Durante a sua estada ali os doentes foram bem tratados, as enfermarias estiveram sempre limpas e aceadas, tendo cada um d'elles o indispensavel conforto. Realisaram-se só nas dietas 330$000 reis de economias, além de haver mais 278 dias de tratamento que no anno anterior.

Ora contra estes optimos resultados havia só a oppôr a pretenção dos que declaravam, que não queriam saber do hospital, que não lhe importavam as economias nem o bom tratamento dos doentes, e que era preciso pôr fóra as irmãs hospitaleiras, em homenagem ás paixões e aos odios de um bando desorientado.

Ora aqui está o que deu causa aos desaguisados de 19 do corrente. Se a opposição vencesse, não haveria tumultos; como do estado da eleição se evidenciava que a catastrofe era inevitavel depois d'ella andar a ameaçar céus e terra, armou desordem, espancou, arrombando a urna, para se attribuir depois o triunfo, como se a prova escripta e o depoimento de testemunhas insuspeitas não fossem a sua condemnação!

Mas violencias eleitoraes por parte da auctoridade administrativa, aonde estão ellas? Aonde está um eleitor que fosse [illegible] empregou para affeiçoar o collegio eleitoral? [illegible] civil regenerador andou por ahi a galopinar na eleição da misericordia. E não obstante as arbitrariedades de então, nós perdemos a eleição graças á batota feita com o recenseamento da irmandade, chegando-se a empalmar o livro da matricula e juramento dos irmãos para que não apparecesse a prova evidente das falsificações que se fizeram.

Agora nem um protesto se apresentou contra a validade do recenseamento, as operações eleitoraes correram na melhor ordem até quasi ao fim do escrutinio, e quando restavam apenas 4 listas a extrair da urna, quando os nossos amigos tinham 167 votos e a opposição apenas 165, sendo aquellas reconhecidamente nossas, realisa-se o plano feito dias antes e annunciado nos jornaes, a opposição parte a urna á paulada e espanca os influentes progressistas, sendo preciso para restabelecer a ordem a intervenção da força publica!...

Aonde estão pois os culpados? Procurem-nos no campo da opposição. E' lá que elles se acham, como se ha de evidenciar nos tribunaes.

A' «DEMOCRACIA»

A *Democracia* jogou umas biscas a proposito da questão d'Aveiro. Em primeiro logar confundiu a questão do ensino e das irmãs da caridade, com a das irmãs hospitaleiras e com o serviço nos hospitaes. Depois expoz que a meza que tinha chamado as ultimas não havia sido eleita, mas nomeada, como se para o caso de administração não fosse a mesma cousa.

Depois ainda ao referir-se á eleição diz que o acto não correu como devia. E' certo, mas só quanto ao final. Nas duas listas que se combatiam não entravam reaccionarios. De um lado e outro havia só nomes de pessoas conhecidas pelos seus sentimentos liberaes. E se o esforço foi annullado pelo tumulto, a culpa é exclusivamente da opposição, que ao ver-se perdida, recorreu a esse meio para perturbar a ordem, como já tinha annunciado nos seus jornaes.

Não havia agentes do poder a trabalhar na eleição: havia homens livres, que tinham a peito pugnar por os interesses legitimos d'aquella casa de caridade. A opposição pretendia recollocar as cousas no seu antigo pé, com todas as podridões e patifarias que eram distinctivo do passado.

Se a *Democracia* ignora os factos, a culpa não é nossa. Basta dizer-lhe para o comprovar que antigamente os mezarios eram os proprios fornecedores, que toleravam ao enfermeiro todos os arranjos, para este ser tambem indulgente com a qualidade e quantidade dos fornecimentos.

A desaparição das irmãs hospitaleiras logo apoz a eleição, deve-se a ellas exporem á meza, que, representando uma religião toda paz e amor, não podiam consentir que a sua presença dêsse logar a manifestações contrarias áquellas idêas, que são as de toda a sociedade christã. Em consequencia d'isso a meza dispensou-as, entregando a direcção das enfermarias a outro pessoal.

Dizem os factos que a maioria da cidade apoia as manifestações dos discolos? Não; o que elles exprimem é, que ha ahi um punhado de energumenos, sem crenças, que não respeitam a liberdade, e que tumultuam quando legalmente não podem conseguir os seus fins. Mais dizem, que as irmãs hospitaleiras, não querendo ser pretexto de guerras ou hostilidades bravas, preferiram abandonar o posto que lhes estava confiado, a servirem de pabulo aos destemperos de gente perversa, que não respeita Deus, e que desadora a liberdade. Porque o que ahi se fez foi obra do desvairamento, sem desculpa, nem attenuante.

DESMENTIDO

Causaram impressão ao actual redactor da secção do *Reporter* intitulada *O Jornal dos Jornaes* as tres infamissimas calumnias que um immundo pasquim da nossa terra vomita ha mezes, em lettras gordas, desde o seu primeiro numero, contra o sr. governador civil d'este districto, e por isso diz que para credito e bom nome d'esse funccionario confia em que não tardarão a soffrer o mais solemne desmentido.

Longe de ser illudida, foi prevenida essa esperança do collega. Ha muito tempo, e por muitas vezes que solemne e authenticamente temos desmentido aqui essas calumniosas accusações. E não nos limitámos a um simples desmentido: apresentámos evidentes provas da falsidade repugnante com que se diffamava um funccionario digno e um homem de bem. Se depois d'isso as accusações se tem repetido, é porque os calumniadores são convictos e reincidentes.

Contra a falsa accusação de divida á fazenda nacional, publicámos certidões authenticas de todas as repartições fiscaes, e de todos os escrivães do juizo [illegible] sobre ella pendia nenhuma acção judicial. [illegible] de syndicancia a que superiormente se mandou proceder por empregados insuspeitissimos, e que prova a maior correcção e regularidade na escripturação e contabilidade da camara.

Contra a falsa accusação de desvio do cofre do estado, publicámos a declaração solemne e authentica do então inspector de fazenda d'este districto, o sr. Diniz Kopke Severim de Souza Lobo, isento de toda a suspeição.

Todos estes documentos, d'uma evidencia esmagadora, fôram então transcriptos por muitos jornaes do paiz. Não existia ainda o *Reporter*; e porisso não admira que os não lêsse. Mas vê bem o collega que fômos ainda além do nosso dever, pois quem accusa é que tem obrigação de provar.

E nós não só empregamos já cathegoricamente, e por muitas vezes, esses emeritos calumniadores a que provassem o que allegavam, e nunca o fizeram nem podem, mas até provámos assim, á evidencia, que eram falsissimas todas as suas accusações.

Parece-nos que o *Reporter* não pode exigir mais de nós.

EXCAVAÇÕES

Recorda a *Lucta* que em tempo o actual governador civil d'este districto vencera perante a urna o grande tribuno José Estevão, e julga poder tirar d'este facto conclusões desfavoraveis áquelle cavalheiro e á cidade.

Pois nem são logicas nem justas taes conclusões. Essa campanha, leal e digna, não foi contra o cidadão benemerito nem contra o eminente orador: foi contra a politica odiosa e nefasta que elle então representava e defendia. Na mesma occasião e por igual motivo vencia tambem o sr. Manuel Firmino a sua candidatura pelo circulo de Agueda contra o grande Rebello da Silva.

E' cedo ainda para fazer a historia d'essas luctas, e bem pouco conhece, e em bem pouco aprecia esses dois eminentissimos vultos da politica portugueza os que suppõem precisar deprimir o adversario de ambos para os engrandecer e exaltar. Não fazemos nem nunca fizemos confrontos: a posteridade dirá do merito de cada um. E dirá tambem qual é mais nobre e digno: se combater em vida, com lealdade e civismo, um homem illustre, se explorar-lhe, depois de morto, a memoria sagrada em proveito de odios e de interesses pessoaes.

A QUESTAO DO DIA

E' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

> Ninguem deplora mais do que nós as ultimas occorrencias de Aveiro. São ellas a triste revelação de que, atravez de todos os desfallecimentos partidarios e de todas as indifferenças politicas, o cyclo das loucas imprudencias eleitoraes e das absurdas vinganças facciosas ainda não está para nós extincto.
>
> Mas reconhecer isto, reconhecer o rebaixamento moral que leva homens que devemos reputar prudentes a todos esses excessos de que uma egreja d'Aveiro acaba de ser theatro, não é o mesmo que dar razão aos que, provocando o insulto e a violencia, insistem ainda pela continuação d'essas mesmas violencias e insultos.
>
> Ha dias que os jornaes opposicionistas e os que lhes seguem no encalço parecem folhas arrancadas pelo vento da revolução a alguma brochura do tempo do *terror*. Não se ouvem senão protestos pela liberdade, pela dignidade do suffragio, parecendo que foram os agentes do governo os que determinaram em Aveiro aquelles desgraçadissimos motins. Os patriotas que pretenderam levar a cacete a eleição da Misericordia, por um acto de repugnantissimo despotismo, são os mesmos que intimam o ministro do reino a demittir o seu delegado ali. Porquê? e em nome de quê? Não está commettido á justiça ordinaria o conhecimento de todos esses excessos? E sendo-lhe imposto esse pesado encargo, quem é que se permitte o logar de julgador?
>
> Os arruaceiros? os que trocavam entre alguns dos membros da mesa e os melhores braceiros da sua milicia, palavras de significação combinada, especie de *tocsin*, dado a mover as mócas dos combatentes? Os que exclamaram: *agora!* como valôr entendido para começar a indecentissima balburdia? São esses, os caceteiros que destruiram a urna e atiraram para a mesa com molhos de listas, os que hão de julgar agora aquelle incidente vergonhoso?
>
> Vamos, isto ainda não vae de tal feitio, que sejam a justiça e a ordem especie de roupa de francezes, em que todos mettam a mão e o nariz.
>
> Não bastam furias encommendadas, nem commentarios pressurosos e feros peitos—que infelizmente nem são novos nem unicos n'este povo—para que o governo demitta os seus delegados, antepondo-se, como não deve nem póde, ao veredictum dos tribunaes.
>
> Por agora constatou-se que já ganharam a primeira parte da contenda. Sem as mócas, que se brandiram e os sôccos que se puxaram, a victoria da reeleição seria segura. Com escangalharem a mesa já addiaram o desfecho da contenda que, de longe, como todos sabem, se vinha preparando. Mas contentem-se com isso, que já não é bagatella. A quadrupla-alliança, já não fez pouco, creiam.
>
> Vê-se que dispõe de um pessoal importante, mesmo idoneo, para estas aventuras.
>
> Mas as eleições ainda se não levam, assim, como as varredouras de feira em arraial desprovido de policia.
>
> Soceguem, por tanto, os gansos capitolineos, que ha dias a esta parte andam roucos de tanto gritar pela manutenção da liberdade.
>
> A liberdade está onde sempre [illegible] agora os cacetes d'Aveiro ou a prosa dos que lhes gabam as proezas os que a hão-de deslocar ou destruir. Antes até se alguem pode quei- [illegible] mas listar, esse alguem é a meza, a que foi esbulhada do seu direito a floregios de bengallas e a fintas de cacete. Sim: os senhores sabem isso perfeitamente. E porque o sabem, tanto os que vivem em Aveiro, como os que os estão aferverando de cá, não devem tambem estranhar que o governo, consentindo em todas as liberdades legitimas e rasoaveis, não nos outorgue por emquanto mais uma:—a de não haver rei nem Roque, e virem a ser de futuro, os marmeleiros, os arbitros supremos de todas as questões graves.
>
> Já vêem, por isto, que os não queremos assanhar.

A ELEIÇAO DE AVEIRO

São do nosso illustrado collega *Jornal do Povo*, d'Oliveira d'Azemeis, estes periodos imparciaes sobre os successos eleitoraes de Aveiro:

«Continua a ser o thema obrigado dos artigos de fundo dos jornaes politicos o caso da eleição da Misericordia de Aveiro.

Os grandes artigos de prosa, suja de lama e doestos, que se levantam nos jornaes da opposição em volta do caso d'aquella eleição, explicam um outro facto, que poderia passar desapercebido:—é que os jornaes da opposição não teem combustivel para alimentarem o fogo sagrado das paixões politicas, das grandes cóleras partidarias no templo dos seus interesses de corrilhos; é que a marcha governativa é feita n'uma quadra de tantas prosperidades, os actos do governo representam tão beneficos resultados para os interesses vitaes da nação, que as invectivas, dirigidas á situação, teem o effeito de apparecerem logo desmentidas nas previsões pelos resultados práticos, palpaveis, dos actos censurados, tornando-se, portanto, contraproducentes os esforços feitos pela opposição nas suas gazetas.

. . . .

Está, porém, averiguado que foi da colligação dos regeneradores e republicanos de Aveiro que partiu o attentado contra o acto eleitoral. Pelos papeis da eleição está averiguado que estavam escrutinadas 167 listas progressistas, 165 da opposição, e 1 branca, restando apenas 4 para escrutiaar. Conheceu-se, antes do tumulto, que das 4 a primeira que foi tirada da urna era a favor dos progressistas, que ficavam com 168 votos. A opposição já não podia vencer ainda que as 3 restantes fossem pela opposição, porque, n'esta hypothese, a unica mais favoravel á opposição, esta só podia obter 168 votos e portanto obter o empate da eleição. Por outro lado basta que uma só das 3 fosse pelos progressistas para que a opposição ficasse derrotada. Além d'isso constava que a opposição contava o empate como uma derrota.

Se accrescentarmos a isto a circumstancia de que a qualidade do papel e o formato das listas já mostravam que aquellas 3 eram a favor dos progressistas, fica-se sabendo, com a luz da evidencia que a violencia só podia partir da opposição; porque era certo que esta ficava derrotada por 6 votos.

Os tribunaes se encarregarão de confirmar a verdade dos factos que deixamos apontados.»

NOTICIARIO

PEDIDO.—Aos srs. assignantes em divida pedimos a fineza especial de mandarem satisfazer a importancia de seus debitos. E' favor especial, que muito nos penhorará.

Dia de gala.—Foi-o hontem por ser o anniversario natalicio de SS. AA. Reaes, havendo as domonstrações festivas do costume.

Chegada.—Acaba de chegar a esta cidade o sr. Bento José da Costa, muito digno sub-inspector de instrucção primaria ha pouco transferido de Lamego para esta circumscripção escolar. O sr. Costa, que é um cavalheiro illustrado, vem precedido d'um excellente nome, e tudo leva a crêr que ha-de desempenhar-se da commissão que vem encarregado a aprazimento de todos.

Romagem.—Está passando n'este momento grande numero de romeiros para a Costa Nova do Prado, pois que se festeja ali a grande romagem de Nossa Senhora da Saude.

Feira de S. Miguel.—Realisa-se hoje n'esta cidade a costumada feira das cebolas, que promette estar abundante.

Arrematações.—No dia 6 d'outubro proximo arremata-se perante o ministerio da Fazenda um fôro, pertencente á confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de Riomeão, do concelho da Feira.

— Nos dias 25 e 26 do dito mez tambem vão á praça no governo civil d'este districto varios fóros da Fazenda nacional, impostos em bens sitos [illegible]

Alagamento.—N'esta semana foram alagadas muitas salinas, ficando assim [illegible]

Trabalho no mar.—Quando estava a produzir interrompeu-se de novo. Desde hontem que é bravo. E' que o mar ressente-se sempre da influencia da lua e d'ante-hontem para hontem fez ella quarto.

Hoje, apesar de ruin, ha trabalho em differentes costas—tanto desejo ha de pescar.

Ha pois falta de pesca no mercado. A das ultimas pescas vendeu-se por 1$400 reis o milheiro.

Colheita de sal.—As marinhas continuam a produzir—as que não foram alagadas, porque as que o foram ainda se não refizeram para o produzir de novo. O preço actual é de 20$000 reis o antigo barco ou a medida de 15:000 litros.

Despachos administrativos.—Verificaram-se os seguintes:

Antonio Nogueira Soares Junior, exonerado, a seu pedido, de administrador substituto do concelho de Arganil.

Antonio Freire de Carvalho e Albuquerque, nomeado para o referido logar.

Antonio Joaquim Marques dos Santos, nomeado administrador substituto do concelho de Montemór-o-Novo.

Luiz Antonio Ferreira da Motta, exonerado, a seu pedido, de administrador substituto do concelho de Villa Real.

Amancio Machado Macedo, exonerado de administrador do concelho do Nordeste.

Jacintho Ignacio de Medeiros, nomeado para o referido logar.

Bacharel José Maria Pereira Lopo, exonerado, a seu pedido, de vogal substituto do tribunal administrativo do districto de Bragança.

Bacharel Antonio Augusto Gonçalves Braga, nomeado para o referido logar.

João Ignacio Teixeira Pimentel, exonerado, a seu pedido, de vogal substituto do tribunal administrativo do districto de Bragança.

Camillo Mendonça, nomeado para o referido logar.

Bacharel José Joaquim da Costa Pinto Santhyago, exonerado do logar de agente do ministerio publico junto do tribunal administrativo do districto de Beja.

Bacharel Paulo Midosi, adjunto do provedor da santa casa da misericordia de Lisboa, nomeado provedor da mesma santa casa da misericordia.

Approvado o orçamento supplementar ao geral para o anno economico de 1888-1889, dos hospitaes da universidade, na importancia de reis 4:860$058, quanto á receita, e em egual quantia quanto á despeza.

Approvado o orçamento ordinario para o anno economico de 1889-1890, dos hospitaes da universidade, na importancia de 37:921$975 reis, quanto á receita, e em egual quantia quanto á despeza.

Transcripções.—São da *Soberania do Povo*, de 27, as seguintes noticias:

Esteve dois dias em Espinho, o nosso illustre amigo o sr. conselheiro Albano de Mello.

— Chegou na sexta-feira á sua casa de Paradella, n'este concelho, o sr. D. Manuel Baptista da Cunha, arcebispo de Mitylene e vigario geral do Patriarchado. S. ex.ª demora-se algumas semanas.

— Acabamos de receber a triste noticia do fallecimento em Espinho, hontem, ás 11 horas da noite, da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Câmilla Machado Ferreira dos Santos, esposa do nosso querido amigo e patricio o sr. dr. Vicente Ferreira dos Santos, cirurgião-mór de infanteria n.º 10. Não temos palavras, n'este momento de profunda surpresa e intima amargura, para dizer das brilhantes qualidades da virtuosa e illustre extincta. A senhora D. Camilla Machado possuia um espirito superior, todo dedicação e amor para a sua familia extremosissima, e acabou a vida em plena felicidade do seu abençoado lar. Abraçamo-nos cordealmente ao marido tão desgraçado que nas suas magoas intensas não póde receber consolações para a sua saudade inextinguivel. Enviamos áquella boa familia a segurança da nossa sympathia em meio d'este golpe tão cruel, que a todos fere no coração. Ao nosso amigo dr. Vicente Ferreira dos Santos, á sua filha, a adoravel e gentil creança que aos 10 annos começa a conhecer os grandes soffrimentos da vida, e ao sr. commendador Bernardo José Machado, pae amantissimo e bom, não podemos offerecer n'esta hora dolorosa mais do que a certeza de nossos vivos e profundos affectos.

— Partiu na segunda-feira para a praia de Espinho o nosso patricio e amigo o sr. dr. Manuel Rodrigues da Silva Pinto, lente da eschola medica cirurgica do Porto.

— Está em Espinho o sr. Fernando Caldeira.

— Regressou já das Pedras Salgadas com sua ex.ᵐᵃ esposa, o nosso amigo o sr. Ernesto Pinto Camello.

— Veio passar alguns dias a esta villa o sr. padre Fernando Eduardo da Silva, digno parocho em Torres Novas.

— Chegaram a esta villa vindos d'Espinho os srs. Filippe de Mello, João Castella e João Martins de Pinho; e da Villa de Pereira a Ois da Ribeira, onde é professor primario, o sr. Camillo Gomes Ferrão dos Santos.

— A camara municipal d'Agueda deliberou na sua sessão de hontem fazer inscrever na acta a declaração do seu sentimento pela transferencia do sr. Antonio Joaquim Vidal, sub-inspector d'esta circumscripção escholar, para o circulo de Guimarães, affirmando a maneira digna, correcta e exemplar como s. ex.ª desempenhou os deveres do seu cargo n'este concelho. A camara municipal apenas fez justiça [illegible] serviços prestados á instrucção publica pelo sr. Vidal.

— E' extraordinaria de abundancia a colheita de vinho n'este concelho d'Agueda. A producção regula pelo dobro, e ainda mais, da do ultimo anno. Os lavradores não tem onde deitar tanto vinho. O seu maior cuidado é arranjar vasilhas. Elles aproveitam tudo quanto encontram para recolher o vinho. Deitam-n'o em cantaros, em talhas de azeite e até em barricas que serviram a petroleo. Desde que as vinhas foram atacadas pelo *oidium*, nunca a producção de vinho foi egual á do corrente anno. Ha lavradores que vendem o vinho por preço infimo por não saberem o que hão-de fazer. Não o podem beber, não o podem envasilhar, e então vendem-n'o. Ha povoações n'este concelho onde se tem vendido vinho mosto a 180 reis cada almude de 25 litros. Mais barato só de graça.

— Na terça-feira ás 11 horas da noite, em Crastovães, Antonio Saraiva da Costa e seu irmão espancaram Manuel Francisco Marques, na occasião em que este sahia de um serão. O aggredido recebeu uma paulada no frontal direito, vindo hontem queixar-se á justiça.

— Passava na segunda-feira á noite, ido do trabalho, sobre a ponte d'esta villa Justino Marques, alfaite, da Borralha. Ia de perfeita saude. De repente cahe no chão, ao comprido. Accode gente que apenas encontra um cadaver. Justino Marques era homem novo e válido. Apenas tinha 30 annos. Era casado e deixa quatro filhos.

Fratricidio.—No logar de Paiol, concelho de Alemquer, Antonio Nunes, de 27 annos, assassinou um seu irmão. O assassino evadiu-se, ignorando-se o seu paradeiro.

Feira franca.—Foi muito concorrida a feira franca de S. Matheus, em Vizeu; as transacções do alto commercio póde dizer-se que estão terminadas. O mercado dos gados manteve-se sempre muito animado, como ha muitos annos não succedia. Appareceram em grande numero os compradores de mulas, e só não vendeu quem não quiz. O gado bovino teve egualmente grande procura, dando em geral ganho aos lavradores e creadores. O grande commercio de lanificios, algodões e linho não foi inferior ao de outros annos. Para os vendedores de retalho é que a feira foi bastante fraca; ainda assim, em muitos estabelecimentos de quinquilherias e de brinquedos para creanças não houve grande razão de queixa.

Boulanger—Vingança de uma sogra.—Um correspondente de Sevilha para um diario madrileno, participou o seguinte em data de 24:

«*Ha llegado á esta cuidad el general Bonlanger.*»

De modo que, se Boulanger está muito regalado na Hungria, em Berlim, no Afghanistan, em Java, no Japão ou em Cascos de Rolha, paiz pelos modos muito distante, o tal sr. José Boneville, que nós ahi vimos acompanhado de duas explendissimas senhoras, muito se deve ter divertido á custa da singular coincidencia, que, pelo menos physionomicamente, tanto o aproxima do *brav' yeneral*!

Mas... hão-de concordar que a coisa é massadora! Por fim de contas, esta insistencia chega a ser irritante e nós não ficaremos surprehendidos se ámanhã o sr. Boneville, n'un supremo lance de desespero, exclamar—irra, deixem-me, não sou Boulanger—e fizer em seguida saltar os miolos!

Porque, francamente, se a coisa a principio era engraçada, agora está sendo seccante. O sr. Boneville sahiu de Paris com a sua familia pelo braço e a sua roupa branca na mala, muito disposto a gastar as suas economias n'uma digressão regalada e feliz, passeando, comendo e dormindo n'um bello ocio descuidoso, completamente esquecido dos seus negocios, das suas letras de cambio, dos seus freguezes, dos seus credores, da sua existencia prozaica e vil, emfim! Parte, risonho, n'um ai de consolação, o seu guarda-pó muito apertado, o bonet de viagem na cabeça, fumando um charuto, conversando alegremente com a familia, e abandonando, sem pezar, o seu Paris aborrecido e monotono, onde nada o diverte, e surprehende, o acaricia.

Chega a Lisboa, e quando os agentes de hoteis lhe gritavam á portinhola:—*Hotel Bragança—Hotel Matta—Alliance—Francfort—Durand*, etc., um olho curioso, penetrante, fino, encara aquelle viajante, e raparando na sua barba, no seu guarda-pó, no cicatriz-Floquet, na sua chapelleira, no formato dos seus sapatos e na cinza do seu charuto, brada:

E' Boulanger!

E d'ahi a momentos, o paiz inteiro bradava:

—E' Boulanger!

E o pobre viajante, mal chega ao hotel, é perseguido, citado, importunado de um modo extranho. Quer tomar um banho, pentear o cabello, descalçar as botimas, mas não póde. A' porta do seu quarto, a curiosidade inquire, espreita, vigia, sequiosa d'uma palavra, d'um dito, d'uma expressão qualquer, pela qual se podesse affirmar a authenticidade d'aquelle hospede singular.

—Eu sou Boneville, meus senhores; dou-lhes a minha palavra d'honra, juro-o pela boa sorte de minha mulher e dos meus filhos... Deixem-me não me persigam. Assim Deus salve a minha alma em como estou arrependido de ter vindo até aqui... Não sou general nem coisa que o valha. Vão-se embora, deixem-me mergulhar o meu corpo de José Boneville n'uma tina de agua, que estou cheio de calor e de pó...

E, no seu quarto, conversando com a esposa:

—Que te parece?... Esta só pelo diabo! Raios partam o tal general e mais a ideia que elle teve de ser celebre... Ha lá pela nossa terra tanto general e ninguem faz caso d'elles... Conheces o Pitié, o Saussier, o Legerot, aquelle que foi [illegible] muito bem?... Pois n'esses ninguem falla, e valem muito mais que o tal troca-tintas... Eu não sei o que faça; palavra d'honra que não sei...

—Olha, *mon cher*, o mais acertado é não fazeres caso, ou então, pega de uma bengala e corre-os... Dá uma pola no primeiro, que os outros não apparecerão... Que sucia de massadores...

*

Mais estava escripto que Boneville havia de ser Boulanger, e na rua, nos passeios, em Alcantara, em Cintra, nos touros, no Hotel do Porto, em Leixões, em Vianna do Castello, e agora em Sevilha, o pobre *touriste* é olhado com a curiosidade com que se contempla um objecto raro e original.

Pobre homem! Para qualquer lado que se volte, ouve:

—Ves! aquelle é o Boulanger!

Conta-nos pessoa digna de toda a consideração, que uma noite, no quarto do Central, em Lisboa, ouvira grande bulha que partia d'um aposento proximo. Seriam 2 horas da madruga. Assustada, levantou-se e seguiu em direcção ao quarto de onde partia o extranho rumor. Quando se aproximou ouviu:

—*Já disse que não sou Boulanger, ouviram?... Já fui general, mas em rapaz, n'um theatrinho particular; tambem fui rei, n'uma comedia antiga, e ninguem porisso me acha com cara de descendente dos Orleans... Deixem-me... deixem-me... Eu vos esconjuro para o mar cólhado, demonios, eu vos esconjuro...*

Boneville sonhava. e foi necessario a esposa acordal-o para o livrar do terrivel pesadello. Ainda ao despertar bradava:

—*Já disse, não sou Boulanger...*

—Então, socega, bem sabemos que não és Boulanger, toda a gente o sabe, se o fosses não estaria eu aqui, junto de ti...

—Estes diabos dão commigo em doido.

E voltando-se para o outro lado, desatou a resonar com um estrondo pouco parisiense.

Um dia, cansado e exhausto, safou-se no expresso, e foi para Hespanha, julgando que ali não medraria tão abundantemente a arvore da pasmaceira. Enganou-se. Boneville continua a ser Boulanger e não ha meio de fazer acreditar que não ha tal.

*

Quando chegamos a este ponto, abrimos por acaso um jornal, e n'elle deparamos com uma noticia que tudo explica. Trata-se de uma terrivel vingança, concertada pe'a sogra de Boneville para torturar o genro. A ideia não é muito original, mas tem graça.

Ahi vae a noticia:

UMA VINGANÇA ENGRAÇADA

«O sr. José Boneville, negociante estabelecido em Paris, tendo ha tempos resolvido emprehender uma viagem de recreio a Portugal e Hespanha, disse a sua sogra que se faria acompanhar por sua esposa e filha, e que ella, sogra, havia de ficar em casa, a vigiar os caixeiros e as criadas.

A sogra, que é uma senhora ainda muito bem conservada e que nos seus tempos de mocidade deslumbrou o *Bois* com a corte elegante das suas *toilettes*, mordeu o beiço, e disse:

—Então, fico em casa como um traste velho, não é assim?...

—Eu lhe digo, a senhora tem viajado muito e porisso o que agora deve apreciar é o soceguinho... Isto de viagens é o diabo; muito barulho, muito pó, poucas commodidades, comidas differentes... o diabo, minha senhora, o diabo. O mais acertado é ficar e depois, *na sua idade*, todas as cautellas são poucas.

Boneville partiu, mas a sogra, fina e astuta como todas, aproveitando-se da extraordinaria semelhança do seu genro com o deputado eleito por tres departamentos, telegraphou para Portugal e Hespanha, dizendo:

«*Parte para ahi general Boulanger; viaja incognito sob nome José Boneville, negociante. Acompanham-n'o duas senhoras e um secretario.*»

*

Ora ahi está tudo explicado. O sr. Boneville expia largamente o delicto que commetteu de chamar velha a sua sogra. A mulher póde supportar tudo, menos uma tão grave affronta!

Que se mirem n'este espelho todos quantos tenham sogras e queiram viajar. Depois não se queixem!

Bazaine.—Falleceu em Madrid, o ex-general Bazaine, o vencido de Metz. Contava 67 annos de edade; sentou praça em 1831, alistando-se no exercito de Africa; tendo, pelo seu valor, subido em postos, passou em 1837 á legião estrangeira que foi á Hespanha sustentar a causa da legitimidade.

Em 1839, sendo capitão, esteve na Argelia tomando parte muito activa na guerra sustentada pela França em Africa. Na guerra da Crimea, em 1854, commandou a brigada de infanteria, sendo elevado ao posto de general pelos seus actos de heroicidade. Em 1855 tomou a praça de Kisburn, na embocadura do Drieper. Em 1864 foi promovido a marechal do exercito francez.

Declarada a guerra franco prussiana, o imperio, já decadente e marcado com o sello das instituições moribundas, confiou-lhe o commando do exercito ds Rheno, e, pouco depois, a direcção da campanha. A sorte porém, não o favoreceu, e nas desastrosas jornadas de Longueville e Gravellote, comprometteu gravemente o exito da guerra e o prestigio das antigas glorias francezas.

Por estes revezes, encerrou-se em Metz; ali, faltando-lhe o auxilio de Mac-Mahon, e após uma serie de negociações ardilosas preparadas astutamente por Bismarck, cahiu no laço que a habilidade lhe armou, capitulando com 173:000 homens dentro de uma praça forte. Perdida esta ultima esperança da França, o povo vencido accusou Bazaine de traidor, e no conselho de guerra, a que respondeu, foi con[illegible] unanimidade, apesar de todos os esforços empregados pelo seu defensor, o celebre advogado Allou. O conselho pediu ao presidente da republica, Adolpho Thiers, a commutação da pena, sendo Bazaine encerrado n'uma prisão na ilha de Santo Margarida, no Mediterraneo.

Na noite de 9 para 10 de agosto conseguiu fugir, graças ao concurso de sua esposa, uma heroica senhora mexicana, e de alguns amigos fieis, indo então para Madrid.

Bazaine procurou justificar o seu procedimento n'um livro que publicou sobre a guerra franco-prussiana.

O desventurado marechal deixa um filho, cabo d'um batalhão de caçadores aquartellado em Madrid.

CARTA DE LISBOA

27 DE SETEMBRO DE 1888.

Por que é curiosa a narração do exercicio de brigada que se verificou nas cercanias da Povoa, dou-lhe aqui o que um jornal de Lisboa bem informado diz sobre o assumpto:

«*Povoa, 25.*—São dez da manhã. Tem estado duvidoso o dia d'hoje. Os homens graves affirmam positivamente *que temos trovoada.* O sol ora se ostenta, ora se occulta. Não o tornam sympathico estas garridices, improprias da sua edade e do seu sexo.

Na estrada de Lisboa, caminha dos Olivaes, pelo ordinario um suave e sereno dominio da pardalada em festa, *passa uma visão de guerra.* O relampejar de sabres, as vozes de commando, o rodar violento e atroador da artilheria, *o sopro militar*, emfim, lançam n'um mudo terror os garotêtes alados e n'um pasmo infantil os saloios velhacos de quatro gerações. Por volta das onze horas accumula-se na estrada, a uns cincoenta metros da estação, o que a Povoa tem de melhor e de peior: o *high-life* povoense, o saloio, o borda d'agua, typos esbatidos, sem grande feição caracteristica. Hoje não houve trabalho, nem o haverá ámanhã, nem depois.—Vamos a vêr esta *reinação!*

Ao longo da estrada vem realmente surgindo a *reinação:* as vedetas e as avançadas apparecem a espaços, avançam n'um ar hesitante, deconhecedor do terreno. Penso vagamente n'uma invasão, e o simulacro assume uma tonalidade tragica, pelo silencio, um tanto sombrio, dos militares e do povo. Com a extremidade superior do varapau por debaixo do queixo, a extremidade opposta apoiada no terreno, a dois metros das pernas encruzadas, o saloio contempla... Um episodio corta subitamente a monotonia do quadro. A trote, uma vedeta approxima-se. E' um soldado imberbe, trigueiro, fronte deprimida. A saloiada troca entre si uns olhares.—E' o Vicente! E' o Vicente!—E um dos saloios, cara livida, rapada, queixo saliente em extremo, grita:—O' Vicente! O' Vicente! Olha que a Maria casou!

O soldado sacode bruscamente a redea e mette a galope pela estrada adiante.

A' volta do outro, commentam em voz pausada:—«Para que havéras tu de dizer ao home?!»

Mas as forças apparecem, caminhando *á vontade*, cheias de pó, de calôr e de fadiga. O gado da artilheria é muito admirado, gordo, robusto e d'um *entrain* dos diabos. Um official do estado maior, a quem subemetto objecções, concorda commigo em que os muares podem ser n'um dado momento, pela teimosia, um perigo de primeira ordem n'um rapido movimento a operar. Se o muar se obstina, esgotam-se inutilmente os meios de persuasão. Nem rhetorica, nem um chicote, nem um fueiro! Parece um homem... teimoso.

Meio dia. No *Alto do Moinho* o regimento de infanteria 16 estabelece o bivaque. A algumas dezenas de metros está infanteria 2. Em frente dos dois regimentos a *tenda* do general em chefe; á volta d'esta as do estado maior e ao lado d'ella a do Principe Regente, que se distingue por uns traços azues sobre o panno branco da barraca e pelo pavilhão real, incorrectamente arvorado antes da chegada do Principe. No alto da barraca do general em chefe fluctúa uma bandeira azul e branca. A ornamentação interior d'estas duas barracas é menos que humilde. Não lhes vae mal a severidade. O sol aquece ferozmente; alguns soldados são retirados da fórma.

Do *Alto do Moinho* vê-se ao fundo do valle artilheria, e no horisonte, a alguns kilometros, nas alturas de Alfarrobeira, suspeita-se a approximação do inimigo. Na Serra Pequena estabelecem bivaques forças de todas as armas.

Pelas tres horas, o serviço de cosinha precipita-se. Terraplenou-se activamente á beira de cada bivaque um pedaço de encosta; fez-se o lume, e nos caldeirões vae grande reboliço. Olhos ávidos contemplam-n'os e falla-se do magnifico rancho.—«O' 74! Olha que é macarrão e duzentas e cincoenta de carne, e diz que ha quatro decilitros!»

O bivaque não tem realmente os encantos que lhe attribuem os amadores do pormenor e do inesperado. Umas estacas, umas cordas, alguns metros de lona: improvisou-se a casa. Cá fóra, ao ar livre, cosinha-se sem exigencias de fogão e do *tremblement* de cosinha regular. A' noite uma fogueira; á volta da fogueira uma palestra. Em vesperas de batalha tem um cunho pittoresco e terrivel. N'um simulacro, n'uma scena de manobras, é crassamente banal. Eu já vi bivaques de condemnados á lucta de exterminio; então sim, as fogueiras de um acampamento em vespera de batalha parecem ateadas pelo sopro da Morte—que ali as collocou porque não logrem evadir-se os vivos.

Seis horas da tarde. O dia aclarou. Tudo a postos para o combate de ámanhã. A tarde finda rapidamente n'uma grande relaxação da maloiado, que tem bebido n'algumas horas todo o vinho de uma colheita prospera. Os soldados dispersos [illegible] pelas uvas com um furor prenhe de dysentherias. Pelo valle e pelas encostas—centenares de homens estendidos pela terra, n'uma grande pacificação de tedio, os officiaes conversam em grupos. Ha n'esta região pacifica a transformação de um cataclysmo... simulado. Independente e sem perturbações, o Tejo vae deslisando ali em baixo, com a sua indifferença, com a sua grandeza e com os seus segredos...

O principe regente embarcou hoje, n'um expresso das 6 e meia, com os seus officiaes ás ordens. Deu ordem para os trens o irem esperar ás 3 horas da tarde.

Povoa, 26, ás 7 h. e 20 m.—Acaba de chegar o Principe Real, acompanhado do ministro da guerra e do infante D. Augusto. Salva real. O inimigo ainda não appareceu.

Povoa, 26, ás 7 h. e 50 m. t.—A's 7 h. e 45 m. appareceu a guarda avançada inimiga na estrada das Drogas. Um tiro de peça dá o signal de alarme. A brigada põe-se em movimento.

Povoa, 26, ás 11 h. da m.—O inimigo avança sobre as posições de Alfarrobeira e depois sobre as da Rapozeira, tomando-as de assalto. Caçadores 2, que constitue a reserva, opéra um movimento de ataque sobre a rectaguarda e o flanco direito do inimigo. A artilharia avança n'um galope furioso, com um *entrain* admiravel, semeando o pavor no transito, d'onde fogem os indigenas, n'um berreiro comico, com os volateis e a canzuada. O inimigo retira em frente de forças superiores e tendo atacado posições demasiadamente avançadas. A's 11 horas termina o simulacro, e as forças da brigada regressam á Serra Pequena.

O unico episodio é a queda do tenente coronel Abreu e Sousa, do cavallo, sem consequencias funestas. Ha pequenos defeitos de detalhe, insignificantes.

O ministro da guerra offereceu um almoço ao Principe Real. Este retira hoje.

Ha 231 salvo-conductos pedidos e 3:000 forasteiros na Povoa, sem albergue nem comida.

A'manhã ha revista de brigada, á qual não assistem a maior parte dos officiaes e paisanos visitantes, que retiram hoje.

Povoa, 26, á 1 h. da t.—Serviço telegraphico e telephonico militar inexcedivel de precisão e de actividade.

O general da brigada pôl-o ao serviço da imprensa jornalistica. Devemos ao illustre militar o maximo reconhecimento.

Com a chegada dos forasteiros, as casas vendedoras de comestiveis acabam de levantar os preços. A *tabella*, que a principio era inferior á de Lisboa, excede n'este momento o triplo da capital.

Tem causado impressão desfavoravel a extrema humildade dos *adornos* da barraca do Principe.

A opinião geral auctorisada confronta o exito, relativamente admiravel, dos exercicios de hoje com os da tentativa anterior, e attribue á administração militar todo o mau resultado da primeira *campanha.*

Povoa, 26, á 1 h. e 15 t.—O comboio vae partir, levando a maior parte dos forasteiros vindos ante-hontem e hontem. A'manhã haverá simples revista de brigada, regressando esta a Lisboa logo depois. A impressão geral produzida pelo exercicio é geralmente favoravel.

A's 3 e meia chegaram á gare do Caes dos Soldados, o Principe Real, o Infante D. Augusto e seus ajudantes d'ordens, o sr. visconde de S. Januario, e muitos officiaes, na sua maioria das armas scientificas.

A' ultima hora recebemos uma extensa e minuciosa carta do nosso correspondente, que ámanhã publicaremos.»

— Do mesmo jornal tomo eu o que lhe diz o seu correspondente de Paris sobre o conflicto que ali se deu na posse do novo consul o sr. Eça de Queiroz. E' o seguinte:

Paris 21.—N'este momento, o unico assumpto que interessa vivamente os portuguezes residentes em Paris—é a questão da transferencia do sr. visconde de Faria para Bristol, e do sr. Eça de Queiroz para esta capital. Este movimento consular, que teria passado desapercebido se n'elle se não achasse envolvido o nome do sr. Faria, perdão, do sr. *de* Faria, tomou immediatamente as proporções d'uma grande e monumental escandalo. Porque?... Contos largos, para o que não bastariam todas as columnas do *Dia.* O sr. visconde de Faria veio para Paris, graças ás influencias do fallecido conselheiro e á protecção que Fontes lhe dispensava. Seguro a estas duas poderosissimas amarras—o sr. *de* Faria tratou immediatamente de considerar o consulado de Paris como uma sinecura, como propriedade sua, como se fosse o seu quintal, o seu jardim, o seu pomar de caroço. E não só considerava o consulado como coisa sua, onde ninguem ousaria jámais tocar,—mas tambem se julgava por esse tacto, e escudado nas suas protecções, no caso de poder representar *diplomaticamente* Portugal em Paris!

O sr. Faria não podia levar á paciencia que em Paris houvesse um ministro portuguez que não fosse elle, nem um encarregado de negocios que não fosse elle... No seu ponto de vista, os ministros portuguezes em Paris eram uns intrusos, que o incommodavam e lhe lhe tolhiam o passo, e lhe tomavam a dianteira em todas as recepções e actos officiaes...

Por mais d'uma vez se fizeram annunciar na mesma recepção em Paris dois representantes de Portugal:—o sr. visconde de Faria e o *outro!* O *outro* era o intruso, o João Ninguem, o empecilho do consulado, finalmente—o ministro que o governo portuguez acreditava junto da Republica... Imaginem quantos conflictos, quantos dissabores, quantas intrigas! Vivia-se em Paris n'um mexerico permanente. E os portuguezes que praticavam a *inconveniencia* [illegible] ministro eram exauctorados nos salões do consulado com uma vivacidade de critica... que deixava as carnes em sangue!

Um dia o sr. conde de S. Miguel, nosso encarregado de negocios, censura o consul pelas suas inconveniencias, e o sr. Faria parte para Lisboa, agarra-se ao sr. Arrobas, então governador civil, o sr. Arrobas impõe-se ao sr. Fontes,—e o sr. conde de São Miguel é transferido de Paris, em vinte e quatro horas, por telegramma!

Com Mendes Leal, as relações entre legação e consulado estiveram quasi sempre cortadas ou frias. O mesmo succedeu no tempo do sr. Andrade Corvo.

E o sr. visconde de Faria, triumphante, delirante, risonho—ria-se dos ministros que o supportavam em silencio para evitarem conflictos partidarios, sendo apenas agradavel para os portuguezes de que elle pudesse depender, e sendo até inconveniente com aquelles de quem não dependia. Haja vista ao modo aborrecido, ao ar de massada, com que recebeu os portuguezes que lhe foram dar parte da morte de Guilherme d'Azevedo, o nosso illustre e infeliz chronista. Haja vista ao modo como recebeu os portuguezes que desejavam promover uma subscripção a favor das victimas do Baquet... Não é meu intento acusar. Procuro apenas explicar uma situação que para muitos é mysteriosa, e evitar que nos jornaes do meu paiz se façam interpretações erradas ácerca da origem da transferencia, e do escandalo que se seguiu. O sr. visconde de Faria queria impôr-se em Paris como o diplomata portuguez para a qual se deviam voltar todas as attenções. Para isso precisa empregar mais diplomacia—ou outra diplomacia... O que o perdeu foi a sua vaidade, o *réclame* de que fazia rodear o seu nome, e que o punha a par do Géraudel das pastilhas: e este mau senso de julgar que aquelle consulado era uma mina exclusivamente sua, que o visconde explorava de todos os modos, em proveito de todos os seus, desde a mais tenra infancia!...

O sr. visconde de Faria estaria ainda hoje, e estaria todo o tempo que elle quizesse, consul de Portugal em Paris—se se limitasse a ser um *consul*, um empregado do Estado para tratar as questões commerciaes e os interesses dos portuguezes, cumprindo tranquillamente com a sua obrigação, e respeitando o seu superior em Paris, que é o nosso ministro. Pelo contrario. Aos seus superiores queria sempre tomar o passo e fazer-lhes sombra; a sua constante preoccupação era procurar convencer portuguezes e francezes de que os nossos ministros eram uns pelintras, e que só elle sabia receber com fausto e distincção e representar dignamente o seu paiz. E ferviam os *réclames* nos jornaes... O sr. visconde de Faria não dava um passo, não sorria, não espirrava, não abria uma garrafa de Champagne—que cincoenta *reporters* ao serviço do consulado não corressem ao *Figaro*, ao *Gil-Blas*, ao *Èvenement*, ao *Soleil*, pedindo pelo amor de Deus a essas folhas que noticiassem o fausto acontecimento.

Eu nunca vi citado nos jornaes de Paris o nome do consul de Inglaterra, d'Austria, d'Italia ou da Russia. Parece-me que qualquer d'estes consulados é mais importante do que o nosso. Pois só do sr. *de* Faria se fallava; e com uma insistencia tal, que um dia o embaixador d'Austria perguntava a sorrir a um ministro nosso, com quem tinha a maior intimidade:—«Que succedeu ao seu consul?... Ha mais de dois dias que os jornaes de Paris se não occupam d'elle!...»

Mas o sr. conde de Valbom é que não esteve disposto a aturar uma semelhante situação, humilhante, inconveniente e ridicula para a nossa legação em Paris. Era preciso collocar o consul no seu logar; fazer-lhe comprehender que todos os portuguezes sorriam mais ou menos de tanto *réclame* e de tanto *rastaquonérismo;* que o ministro é um seu superior, que compete respeitar; e que uma ridicula concorrencia da parte do consulado, feita á nossa legação, tinha de ser denunciada ao ministro dos negocios estrangeiros, se não cessasse terminantemente. E o sr. visconde de Faria revolta-se contra estas reflexões; corta as suas relações com a legação; ri do ministro; e, pela sua attitude arrogante, faz com que a colonia portugueza passe os seus dias a fazer apostas sobre quem sae vencedor d'este conflicto—se o sr. conde de Valbom, se o sr. *de* Faria.

N'estas circumstancias, uma queixa era coisa inevitavel. E o sr. ministro dos negocios estrangeiros só tinha dois caminhos a escolher:—ou mandar sair de Paris o sr. conde de Valbom, ou mandar sair o sr. *de* Faria.

Não me compete a mim, simples correspondente e *reporter* imparcial que se vê obrigado a esclarecer esta questão—dizer se o sr. Barros Gomes andou bem na solução do problema. Mas parece-me que não podia haver hesitações entre um ministro que quer fazer respeitar a sua pessoa e a sua legação, e um consul que só procura calcar aos pés todas as conveniencias e respeito que deve haver para com superiores.

O sr. Eça de Queiroz chegou aqui ha poucos dias para tomar posse do consulado. Apresentou-se na legação com o decreto da sua transferencia. O sr. conde de Valbom officiou para o consulado, para que este fosse entregue ao sr. Queiroz quando elle se apresentasse. O sr. Queiroz apresentou-se no dia 18 no consulado, em companhia do sr. Alfredo de Castro, addido á legação. No consulado achava-se apenas o empregado Saraiva.

Coisa curiosa! O sr. Faria recebeu o decreto da sua transferencia ao mesmo tempo que o sr. Queiroz. E, sabendo que o sr. Queiroz devia mais dia menos dia vir tomar posse,—parte para Lisboa e deixa o consulado entregue a um simples escripturario, porque até o chanceller se acha ausente

Pois é crivel que assim se abandone uma repartição do Estado em paiz estrangeiro? E se fosse preciso passar um passaporte, fazer uma procuração, lavrar uma escriptura, registrar um obito, fazer um inventario,—a quem se havia de recorrer?... O sr. Faria tinha partido para Lisboa, para levantar questões e conflictos nos jornaes e nas secretarias. O chanceller ausente. A quem recorrer em Paris para um caso urgente? Ao porteiro do senhor visconde?!...

Ora, no momento em que o sr. Eça de Queiroz se informava junto do escripturario Saraiva do modo mais conveniente de tomar posse do seu logar —eis que uma porta se abre, de um reposteiro é agitado com furor e que uma senhora de punhos cerrados avança para o sr. Queiroz, protestando contra a sua estada n'aquelle logar, ameaçando-o, insultando-o, convidando-o a sahir do consulado para onde o ministro o havia transferido! Essa senhora—era a sr.ª viscondessa de Faria. Não me atrevo a insistir sobre esta scena, para não ter de discutir os actos de uma senhora, o que é sempre desagradabilissimo.

Do occorrido cabe toda a responsabilidade ao sr. Faria de não prever, no estado em que as cousas se achavam, o que podia succeder ao sr. Queiroz, é d'uma leviandade imperdoavel.

O sr. Eça de Queiroz sahiu aterrado, e foi dar parte d'esta scena ao sr. conde de Valbom, e annunciar-lhe que não voltaria ao consulado emquanto não tivesse a absoluta certeza de que estava ao abrigo de qualquer insulto ou inconveniencia.

Foi então que o nosso ministro mandou chamar o sr. Domingos d'Oliveira, antigo vice-consul, consul honorario,—encarregando-o de tomar *interinamente* posse do consulado de Paris.

Nova scena... O sr. Oliveira dirige-se á casa do consulado, e encontra as armas de Portugal arreadas, portas trancadas, e a *pière* declarando que ninguem ali era, que ninguem ali pozesse pés!

Em vista d'isto, ao nosso ministro só competia fazer uma cousa,—desde o momento que corriam perigo os archivos do consulado, que podiam ser destruidos, queimados, estragados, que sei eu!—pedir a intervenção da auctoridade franceza.

E o prefeito de policia appareceu no dia seguinte á porta do consulado, e disse á porteira:—«Em nome da lei, abra!» E a porta abriu, e o consulado rendeu-se!...

Tudo isto se passou n'esta deserta rue Marceau, onde os transeuntes são raros, sem escandalo e sem curiosos, —sem que os proprios jornaes parisienses, que ainda ha pouco com tanto jubilo relatavam os favores do sr. *de* Faria, agora tivessem conhecimento do occorrido, ou se lembrassem de defender o ex-consul. *Quantum muratus ab llo!* Mas onde o escandalo tomou proporções assombrosas foi entre a colonia portugueza. E, como Lisboa ha de tambem occupar-se do caso,—que o *Dia* seja o primeiro jornal a informar detalhadamente o publico.

Não ha memoria de semelhante conflicto, por causa d'uma transferencia. E este conflicto e este desacato feito ao sr. Eça de Queiroz são mais uma prova da impossibilidade de conservar por mais tempo o sr. Faria em Paris.»

— O alferes José Maria Ganso d'Almeida seguiu na terça-feira, perto das dez horas da noite, do calabouço do governo civil para o quartel general, sendo acompanhado pelo official da sua patente, de infanteria 7, sr. Manuel Martins Machado. Do quartel general, onde na terça-feira mesmo deu entrada o auto de investigação, foi conduzido ao castello de S. Jorge, sempre acompanhado pelo mesmo alferes. E' de uma grande prostração moral o estado do preso. O sr. Ganso, diz um collega da manhã, que mais d'uma vez tinha sido preterido na promoção por incapaz do serviço militar, e ia agora ser promovido por *dó*. Não teria sido preferivel, provada que foi a sua incapacidade, ter-lhe dado baixa?

Ao conhecimento da policia chegou hoje a queixa seguinte: O sr. José Francisco Madeira, commerciante em Castro Verde, confiou ao alferes Ganso d'Almeida, em 5 de novembro de 1887, a quantia de 380$000 reis para entregar a tres cavalheiros d'esta cidade de Lisboa, dois dos quaes receberam o dinheiro, não recebendo o terceiro, sr. Antonio Cardoso d'Oliveira, da rua dos Bacalhoeiros, a quem devia ser entregue a quantia de reis 100$000. Temos, pois, sobre o crime de falsificação este contrapezo de abuso de confiança. E sabe Deus o que ainda virá! Oxalá que não seja aggravada a situação do desgraçado.

Escreve o sr. Furtado & Irmão, do Rocio, que não mandaram saber ao banco de Lisboa & Açores se descontavam aquella letra, mas sim se reconheciam a firma do sr. Netto.

Procurou-nos, diz um collega nosso, o agente Botelho para nos dizer que em seu poder tivera a letra de 550$000 reis e não a de 49$000 reis.

— Parece que alguns capitalistas de França resolveram comprar em Portugal os terrenos proprios para vinhas que queiram vender-se-lhes. Os vinicultores francezes pretendem comprar aqui, entre Canha e Poceirão, só alli, 25:000 hectares de terrenos para vinha. E comprarão no Alemtejo e em outras provincias, onde lhes convenha, maiores porsões ainda. Se a noticia se realisar será isso de grande vantagem para o paiz, porque muitos capitaes virão fertilisar este sólo, e muitos braços terão novo e abundante emprego.

Y.

COMMUNICADOS

ANADIA

Joaquim Marques, é um rapaz honrado, muito accommodado e laborioso, filho de uma honrada familia, elle tem sempre respeitado os seus superiores não os contrariando nunca na mais pequena cousa. Tem estado a servir de guarda-fios supplente, no cantão d'esta villa. O seu chefe está maravilhado com o seu modo de fazer serviço e deveras encantado pela maneira assás delicada e respeitadora com que sempre o tratou. Porém hoje a taboa dos destinos virou-se e Joaquim Marques, deixou de fazer serviço n'esta estação, sendo nomeado para o logar Francisco do Amaral, não sei de que terra. Francisco do Amaral não póde de maneira nenhuma ser melhor empregado que Joaquim Marques, e de mais Joaquim Marques, já se achava ao serviço interino havia pelo menos 6 mezes. Estamos certos que o despacho de Amaral será inutilisado e irá substituil-o Joaquim Marques a quem de direito compete. O sr. ministro das obras publicas é de um caracter recto e não irá decerto tirar o pão áquella familia, que já contava de o ganhar por o emprego de guarda-fios, como lhe prometteram. Dizemos isto em nome da lei, da justiça e da verdade.

Amaral deve ser transferido immediatamente e Marques nomeado para o seu logar.

Esperamos isso brevemente.

Um respeitador da lei.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 24

Portaria estabelecendo regras ácerca do modo de justificar as faltas aos exames finaes nos institutos industriaes de Lisboa e Porto.

Diario de 25

Mappa dos depositos de espolios dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Portugal, no Pará.

Portaria abrindo concurso para só serem escolhidos tres alumnos habilitados com o curso de agronomia, afim de seguirem por conta do Estado as lições praticas e exercicios de analise chimica nos laboratorios officiaes da França ou Allemanha.

Portaria abrindo concurso para serem escolhidos tres individuos que possuam o curso de agronomo ou outro curso superior, afim de seguirem por conta do Estado o cutso de silvicultura na Escola de Nancy.

Diario de 26

Aviso de que no dia 28 do corrente, anniversario natalicio de sua alteza o principe real D. Carlos, não haverá no paço a recepção solemne do estylo.

Decreto auctorisando a commissão administrativa do Asylo de Infancia Desvalida de Oliveira de Azemeis a alienar uma inscripção, para pagamento da contribuição de registo de um legado que recebeu.

Concessão de differentes mercês honorificas.

PAGINA LITTERARIA

A CREANÇA

A flor, diz um escriptor moderno, é sempre meiga, sempre seductora e bella.

A creança, direi eu, é tudo isso e muito mais. E' meiga, porque em si não póde abrigar senão doçura e bondade; bella e seductora, porque tudo n'ella nos encanta e attrahe, desde as graciosas maneiras que lhe são proprias, até ás candidas perguntas que nos dirige. A creança é a personificação da Innocencia, porque tudo n'ella é puro; é a Candura materialisada, porque toda ella é verdade.

A creança é o riso do céu, o aroma das flores, o canto das aves, o sol que deslumbra; mysteriosa como os sons que nos enviam as mil vibrações da noite, terna como o ciciar da brisa, carinhosa como o murmurar do regato beijando a corolla da flor que para elle se inclina, a creança, tenro botão ainda por abrir, é o ideal de todas as perfeições reunidas em uma só. Saudosas recordações dos tempos que passaram! Quem me déra n'essa idade em que o sentir é puro como o orvalho que goteja do calice dos lirios, em que a imaginação a par da sua pequenez é immensa, porque tudo o que é innocente é infinito! Quem me dera n'essa edade em que tudo se crê, e em tudo se espera!

Quando chegados áquella epoca da vida, em que o dôce ignorar da infancia dá logar á sciencia, em que ao casto devanear da consciencia impolluta succedem phantasias absurdas; quando o saber, com todos os seus intrincados systemas e estranhas theorias se assenhoreia do nosso espirito, e o torna quasi insensivel ás percepções exteriores; quando as illusões do passado, os desenganos do presente, e a incerteza do futuro, nos cravam no coração os seus pungentes espinhos, e fazem da alma dolorida uma ulcera sangrenta; quando as dôres profundas nos levam da confiança em Deus e do crer ardente e vivo ao inferno da duvida e da descrença, como não desejáramos voltar á mais bello epoca da nossa vida, aquella de que conservamos a mais dôce e indelevel recordação: A infancia!

A creança tudo ignora e tudo sabe, porque se ignora ainda a sciencia calculista dos homens, possue o conhecimento das mysteriosas harmonias da Natureza inteira. Comprehende os ceus illimitados, o scintillar das estrellas, o murmurio das vagas tranquillas ou o rugir da tormenta, o sibilar do vento, a claridade deslumbrante do relampago e o ribombo do trovão. Falla com o ciciar da aragem que suspira por entre as ramarias; entretem com as aves, com as flores, com os montes e planicies, com os rios e com o oceano, a mystica e transcendente conversação da linguagem sublime da Natureza.

A creança, açucena immaculada que o fogo das paixões não crestou ainda, é a imagem da vida descuidosa e serena; o dia d'hoje é egual ao de hontem, e o de ámanhã será como os outros; nem o somno lhe é interrompido por essas visões sinistras que alto noite nos despertam, nem lhe sulcam a fronte essas rugas precursoras dos grandes infortunios. Quem não quereria voltar a esses bellos tempos, á edade d'ouro da nossa vida? Eu, agora que sei na sua significação mais lata o que querem dizer as palavras Deus e Universo; agora que comprehendo e explico as paginas do livro immenso da Natureza e conheço a sciencia em muitos dos seus ramos, trocaria de bom grado todo esse saber, pelas innocentes e ineffaveis sensações da minha infancia, que jamais sentirei! Uma creança é sempre para mim respeitavel, porque entrevejo n'ella a mais candida e santa poesia que possa haver na terra,—a innocencia—: poesia dos ceus, do ar e da luz; poesia dos bosques, dos prados e das flores; poesia d'anjos e seraphins, que por ser a mais singela e a mais casta, é tambem a unica que, evolada atravez do azul do firmamento, chega pura e immaculada ao pés de Deus.

F. A. Fernandes Ribeiro.

Á BEIRA DA MORTE

(Edmundo Amicis)

Ha já alguns annos que, em uma manhã do mez de dezembro, levantava ferro do porto de Liverpool um grande navio a vapor que levava a bordo mais de duzentas pessoas, entre as quaes setenta homens de equipagem. O capitão e quasi todos os marinheiros eram inglezes. Entre os passageiros havia algus italianos: tres senhoras, um padre e uma companhia de musicos ambulantes. O navio dirigia-se á ilha de Malta. O tempo estava escuro. Fazendo parte dos passeiros de 3.ª classe, á prôa, havia um rapaz italiano de doze annos, pequeno para a sua edade, mas robusto, um bello rosto ousado e severo de siciliano. Estava só junto ao mastro do traquete, sentado em cima de um montão de cabos, ao lado de uma mala usada, que continha a sua roupa, e sobre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto trigueiro e os cabellos negros e oudulados' que quasi lhe cobriam os hombros. Estava vestido pobremente. com uma manta já gasta, sobre as costas, e uma velha bolça de coiro a tiracollo. Olhava em torno de si com ar melancholico, para os passageiros, para o navio, para os marinheiros que passavam correndo e para o mar inquieto. Tinha a apparencia de quem acabava de soffrer uma grande desgraça de familia. O rosto de uma creança e a expressão de um homem Poucos dias depois da sahida do porto, um dos marinheiros do navio, um italiano, com os cabellos grisalhos, appareceu á prôa trazendo pela mão uma rapariguita; e, parando defronte do pequeno siciliano, disse-lhe:

—Aqui tens uma companheira de viagem.

Deixou-a ficar e seguiu. A rapariga sentou-se sobre o montão de cabos ao lado do rapaz. Olharam um para o outro.

—Onde vaes? perguntou-lhe o siciliano.

A pequena respondeu:

—A Malta, por Napoles.—Depois accrescentou:—Vou encontrar-me com meu pae e minha mãe, que me esperam. Eu chamo-me Julieta Faggiani.

O rapaz callou-se. Pouco depois tirou da sua bolsa pão e fructas seccas; a rapariga tinha biscoitos; comeram.

—Alegrai-vos! gritou o marinheiro italiano, passando rapidamente.—Vae começar o baile.

O vento ia augmentando e o navio balouçava com força. Mas como nenhum dos dois enjoava, pouco lhes importava isso. A rapariguinha sorria Tinha approximadamente a edade do seu companheiro, mas era muito mais alta; de rosto trigueiro, delgada, um pouco fraca, e vestida mais que modestamente. Tinha os cabellos curtos e encaracolados, um lenço vermelho em volta da cabeça e duas argolinhas de prata nas orelhas. Comendo, iam contando a sua vida.

O rapaz não tinha pae nem mãe. O pae, operario, tinha morrido em Liverpool poucos dias antes, deixando-o só, e o consul italiano tinha-o mandado para o seu paiz, Palermo, onde tinha algus parentes afastados. A rapariguinha tinha sido levada para Londres, o anno anterior, por uma tia viuva, que a estimava muito, com consentimento de seus paes, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos mezes depois a tia morrera esmagada por um omnibus, sem deixar-lhes um centesimo, vendo-se obrigada a recorrer ao consul, que lhe tinha arranjado a passagem para a Italia. De modo que... concluiu a pequena, meu pae e minha mãe esperavam que eu voltasse rica e em vez d'isso volto pobre como vim. Mas hão de estimar-me da mesma maneira. E meus irmãos tambem. Tenho quatro, todos pequenos. Eu sou a mais velha e sou eu que os visto. Hão de fazer-me muita festa ao ver-me. Hei de entrar em casa em pontinhas de pés... O mar está feio.

Depois perguntou ao rapaz:

— E tu vais ficar com os teus parentes?

—Sim, se me quizerem, respondeu.

—Não são teus amigos?

—Não sei.

—Eu completo treze annos para o Natal—disse a rapariga.

Depois principiram a discorrer do mar, da gente que tinham em volta de si. Todo o dia estiveram juntos, trocando de quando em quando algumas palavras. Os passageiros pensavam ser irmão e irmã. Ella fazia meia, elle meditava. O mar cada vez engrossava mais. A' noite, quando se separaram para ir dormir, ella disse a Mario:

—Dorme bem.

—Nenhum dormirá bem; pobres creanças!—exclamou o marinheiro italiano, passando de corrida á chamada do capitão.

O rapaz ia para responder á sua amiga—Boa noite,—quando um jorro de agua inesperado o investiu com violencia, e atirou com elle de encontro a um banco.

—Ai! meu Deus! que se feriu—gritou a rapariga, lançando-se sobre elle.

Os passageiros que desciam á camara passavam indifferentes. A pequena ajoelhou-se ao lado de Mario, que ficára atordoado com a queda, limpou-lhe a testa, que gotejava sangue, e tirando o lenço vermelho que lhe cobria os cabellos, envolveu-o na cabeça de Mario, aconchegando-o ao peito para melhor poder atar as pontas do lenço, cahindo-lhe n'essa occasião uma gotta de sangue sobre o seu vestido amarelo, por cima da cintura. Mario reanimou-se e pôz-se em pé.

—Sentes-te melhor?—perguntou a rapariga.

—Não tenho nada—respondeu ele.

—Dorme bem—disse Julieta.

—Boa noite—respondeu Mario.

E desceram pelas duas escadinhas que conduziam aos seus dormitorios. O marinheiro não se tinha enganado na predicção. Ainda não tinham adormecido, quando se desencadeou uma tempestade medonha. Foi como um assalto repentino de vagas furiosas que, em poucos momentos, despedaçaram um mastro, levaram comsigo, como se fossem folhas seccas, tres botes que estavam presos aos guindastes e quatro bois que estavam na prôa. No interior do navio era grande a confusão e o terror; um alarido immenso de gritos, choros e preces, que fazia arrepiar os cabellos.

A tempestade foi-se tornando de cada vez mais tormentosa durante a noite. Ao despontar a aurora cresceu ainda. As ondas alterosas, flagellando o vapor obliquamente, rebentavam sobre a coberta e despedaçavam, lambiam e levavam comsigo tudo quanto encontravam. A plataforma que cobria a machina arrombou-se, e a agua precipitou-se com um estrepito horrivel; as fornalhas apagaram-se e os machinistas fugiram; jorros d'agua impetuosos penetravam por toda a parte. Uma voz potente gritou:—A's bombas! —Era a voz do capitão. Os marinheiros correram ás bombas. Mas um golpe de mar repentino, atacando o navio pela ré, despedaçou parapeitos e portinholas, e uma torrente invadiu o navio. Todos os passageiros, mais mortos que vivos, se tinham refugiado na sala grande. N'um certo ponto appareceu o capitão.

—Capitão! Capitão! gritaram todos juntos. Que se faz? Está em perigo? Ha esperança? Salve-nos!

O capitão esperou que todos se calassem e disse friamente:

—Resignem'o-nos.

Só uma mulher soltou um grito: —Piedade!—Ninguem mais pronunciou uma palavra.

O terror tinha-os paralysado a todos. Muito tempo se passou assim, n'um silencio sepulchral.

O mar cada vez se enfurecia mais! —horrivel! O navio balouçava pesadamente. N'um dado momento o capitão tentou lançar ao mar um barco salva-vidas. Cinco marinheiros entraram n'elle, e o barco arriou, mas foi logo envolvido por uma onda, afogando-se dois marinheiros, um d'elles o italiano. Os outros a custo conseguiram, aferrando-se aos cabos, tornar a subir. Depois d'isto os proprios marinheiros perderam a coragem.

Duas horas depois estava o navio já immerso na agua até á altura das enxarcias. Uma scena horrorosa se passava no emtanto sobre a coberta. As mães cingiam os filhos ao peito desesperadamente; os amigos abraçavam-se, fazendo as ultimas despedidas; alguns desciam aos camarotes para morrer sem vêr o mar. Um viajante disparou uma pistola na cabeça e cahiu de bruços sobre a escada do dormitorio, onde expirou.

Muitos agarravam-se freneticamente uns aos outros; as mulheres contorciam-se em convulsões horriveis. Alguns estavam ajoelhados em volta do padre. Ouvia-se um côro de suspiros e lamentos infantis, de vozes agudas e estranhas; e viam-se aqui e ali pessoas immoveis como estatuas, pasmadas, com as pupillas dilatadas e sem vista, faces de cadaveres e de loucos. Os dois pequenos, Mario e Julieta, agarrados a um mastro do navio, olhavam para o mar, com os olhos fixos, como insensatos. O mar tinha-se aquietado um pouco, mas o navio continuava a submergir-se lentamente. Poucos minutos restariam ainda.

—A lancha ao mar!—gritou o capitão.

Uma lancha, a ultima que ficára, foi lançada á agua, e quatorze marinheiros com tres passageiros entraram n'ella. O capitão ficou a bordo.

— Desça comnosco, gritaram os debaixo.

—Devo morrer no meu posto!—respondeu o capitão.

— Encontraremos algum navio, gritavam os marinheiros. Salvar-noshemos. Se fica está perdido.

—Eu fico.

—Ha ainda um logar! gritaram de novo os marinheiros, dirigindo-se aos outros viajantes. Uma mulher.

Uma senhora adiantou-se então, amparada pelo commandante, mas, em vista da distancia a que se achava a lancha, não se sentiu com coragem de dar o salto, e tornou a cahir sobre o convez.

As outras estavam quasi todas desmaiadas e moribundas.

—Um rapaz! gritaram ainda os marinheiros.

A'quella voz, o rapaz siciliano e a sua companheira, que tinham estado até ali como petrificados por um extraordinario assombro, despertados repentinamente pelo violento instincto da vida, desprenderam-se n'um impulso do mastro, e lançando-se sobre a borda do navio gritaram a uma voz:

—A mim! a mim!—procurando empurrar-se um ao outro para traz, como duas feras enfurecidas.

—A lancha está sobrecarregada. O mais pequeno.

Ao ouvir aquellas palavras, a rapariga deixou cahir os braços como fulminada, e permaneceu immovel, olhando Mario com olhos amortecidos. Mario, depois de fixal-a um instante, viu a mancha de sangue sobre o seu peito, recordou-se, e o lampejo de uma ideia divina illuminou-lhe o rosto.

—O mais pequeno! gritaram em côro os marinheiros, com imperiosa impaciencia. Nós partimos.

Então, Mario, com uma voz que não parecia a sua, gritou:

—Ella é mais leve. Vae tu, Julieta; tu tens pae e mãe; eu sou só. Doute o meu logar! Vae, desce.

—Deita-a ao mar — disseram os marinheiros.

Mario agarrou Julieta pela cintura e deitou-a ao mar. A rapariga deu um grito, e mergulhou. Um marinheiro agarrou-a por um braço e puxou-a para cima da lancha. O rapaz ficou direito na borda do navio, com a fronte alta, os cabellos ao vento, immovel, tranquillo, sublime. A barca moveu-se e fel-o apenas a tempo de escapar-se do movimento vertiginoso da agua, produzido pela submersão do navio, que esteve a ponto de voltal-a. Então Julieta, estando até áquelle ponto quasi insensivel, levantou os olhos para Mario e desatou em copioso pranto.

—Adeus, Mario!—gritou-lhe entre soluços, com os braços estendidos para elle. Adeus! Adeus!

—Adeus! respondeu o rapaz, levantando a mão.

A lancha affastava-se velozmente sobre o mar agitado, debaixo de um ceu tetrico. Não se ouviu uma unica voz a bordo do navio. A agua lambia já as bordas do navio. De repente o rapaz cahiu de joelhos com as mãos juntas e os olhos no ceu A rapariga cobriu o rosto com as mãos. Quando ergueu a cabeça estendeu a vista sobre o mar:—o navio tinha desopparecido!

TIRE O CAVALLO DA CHUVA

Era no mez de junho, o dia estava sereno e frio, o ar embalsado pela fragancia vegetal, o céu de um azul limpido, e o alcantil das serras coberto de nevoaes, que os astronomos chamam *sirrus* e *cumulus*, simulando candidos arminhos em torno ao collo de formosa dama.

O tapete verde dos campos aljofarado com as perolas do rocio matutino, offerecendo em varios sitios esparaveis naturaes formados pela copa de frondosas arvores; borboletas matizados, e irrequietos colibris requestando com mil beijos mimosas flores: fontes crystallinas chorando no fundo de pittorescas grutas lagrimas de liquido diamante, o canto das aves, o cicio da brisa na ramagem, o timido balato das ovelhas, tudo, tudo convidava a rusticar, fugindo á peste physica e moral dos labyrinthos infectos que se denominam cidades.

Um joven de nome Carlos, orphão, que, como mil outros, houvera acabado de dissipar nas capitaes da Europa a herança, paterna, recem-chegado da moderna Babylonia, onde passou grande parte da sua mocidade, regressára á patria atacado de nostalgia, e de uma anemia que não se manifestava por falta de sangue, mas de dinheiro. Temendo, por não estar acclimado, o insulto do typho icteroide, procurara residir, por ulgum tempo, na fazenda de um velho amigo da familia, o qual tinha o seu estabelecimento agricola em um dos municipios de *serra-acima*, na provincia do Rio de Janeiro, lindante com a de S. Paulo. Ahi bem recebido, e tractado com a generosa hospitalidade do fazendeiro do Brazil, não cogitava de deixar a companhia do seu hospede, em cuja casa estava, havia mais de dois mezes. Ler os jornaes vindos da côrte, e romances francezes, formavam exclusivamente a sua bibliotheca, tocar de ouvido algumas valsas ao piano, e passeiar a cavallo pelas circumvisinhanças, tal era a occupação do nosso joven, cujo sonho dourado era um casamento rico, porque só ahi poderia encontrar a salvação do seu naufragio.

Bem apessoado, insinuante, de palavra facil, narrador interminavel de todas as maravilhas do velho mundo, vistas e não vistas por elle, e discorrendo desembaraçado sobre todas as cousas, era, como muitos outros da sua igualha, *um doutor em cousa nenhuma*. Não se póde dizer que tivesse horror á verdade; mas o certo é que bem poucas vezes fallava com esta respeitavel senhora.

Foi no bello dia que acabei de descrever, que o sr. Carlos, dando um passeio a cavallo, se dirigiu á casa de outro fazendeiro de nome Fernando, com quem já estava relacionado, e que residia a alguns kilometros de distancia da fazenda em que elle se hospedára.

O sr. Fernando, quinquagenario, mas assás robusto, era um homem sizudo e de maneiras agradaveis. Estava acompanhado de outros lavradores, seus visinhos, e na varanda da fazenda entretinha-se com um d'elles a jogar o gamão, tomando ao mesmo tempo parte na conversação de mais tres que se achavam presentes.

— Ahi vem o Carlos, disse um d'elles, pondo a luneta.

— Oh! vamos ter as historias do costume; viagens e descripções da França, da Italia, da Inglaterra, disse o fazendeiro com ar de riso.

— O rapaz falla pelas tripas do Judas, observou outro.

— Mas mente como... Não pôde acabar, porque o cavalleiro chegou n'esse momento, e foi exclamando, ao apear-se:

— Snr. commendador Fernando, meus senhores, muito bom dia.

— Entre, sr. Carlos, respondeu Fernando, que continuou no jogo, dando-lhe a mão a apertar. Feitos os cumprimentos, sentou-se e começou logo a discorrer.

— Talvez tenha de deixar em breve estes bellos sitios, e mesmo a patria.

— Então, volta de novo á Europa? perguntou um dos da companhia.

— Parece-me que sim.

— Algum negocio importante, observou outro.

— Não deixa de ser. Eu lhes conto com franqueza: quando estive na Europa, achando-me uma vez em Madrid, tive occasião de dançar em um baile aristocratico com a formosa filha de um grande de Hespanha, personagem de elevadissima posição social, e de uma riqueza fabulosa.

— Já pelo principio da historia estou adivinhando que o final ha-de ser casamento, disse-lhe o parceiro do commendador.

— Ora veja v. s.ª como são as cousas: esta joven, que hoje terá, quando muito, 19 annos, é linda a mais não poder ser; parece-me que lhe inspirei affeição, e o pae desfazia-se em attenções para commigo... Entretanto, o coração não me pedia; e eu n'este assumpto não me guio pela cabeça, mas pelo coração.

— Não sei se faz bem sr. Carlos, notou-lhe o fazendeiro.

— Tantas eram as instancias do duque, pae de Mercedes, que me demorei mais do que pretendia em Madrid, recebendo todos os dias novas e evidentes provas de que pae e filha desejavam que eu pedisse em casamento a encantadora andaluza; eu, porém, fingia não perceber esses desejos.

— Olhe, sr. Carlos, *tire o cavallo da chuva*, disse o commendador com um gesto e inflexão de voz, impossiveis de explicar, mas bastante significativas.

N'esse momento começára a cair uma chuva miuda; o sr. Carlos, porém, influido com a narrativa, e parecendo até não ter ouvido as palavras do sr. Fernando, continuou:

— Fiz um esforço para não ceder, e escrevendo uma carta de despedida ao duque, na qual allegava urgente necessidade de voltar a Paris, deixei a Hespanha, e...

— Caminhou para Paris, acabou a phrase um dos ouvintes.

— Não, senhor: dirigi-me a Londres, para onde fui chamado por carta que recebi de uma joven, viuva riquissima, e sobrinha de um dos *lords* opulentos de Inglaterra, o qual acabava de fallecer, deixando essa sobrinha por sua herdeira universal.

— Oh! isso foi ventura sobre ventura opinaram os tres, a quem mais especialmente se dirigia o narrador.

— Esta illustre e formosa senhora, possuidora de uma fortuna collossal, havia ostensivamente manifestado intenção de casar commigo.

— E então, sr. Carlos, porque não lhe satisfez o desejo?

— Eu sigo aquelle adagio «O casamento e a mortalha, no ceu se talha.» Esta senhora ingleza tinha certas singularidades, que não me agradavam.

— Resistiu tambem á Inglaterra, depois de ter resistido á Hespanha, observou-lhe um dos interlocutores.

— Homem, *tire o cavallo da chuva*, repetiu o commendador.

Riram-se gostosamente os amigos, ao ouvir e ver o modo porque pronunciou o sr. Fernando a phase; mas o sr. Carlos enthusiasmado pela narração das suas venturosas aventuras parecia nada ouvir e proseguiu:

— A Italia era o paiz da minha paixão. Oh! a Italia, a patria das artes! o paiz do bello! A esculptura, a pintura, a musica... Oh! a musica! A musica! O canto! Eu não perdia espectaculo algum lyrico. A ultima vez, em que ouvi o *Romeu e Julietta*, tal foi o meu enthusiasmo pela *primadonna*, que no fim do espectaculo lhe mandei em um *enveloppe* com o meu cartão um bilhete inteiro da loteria de Hespanha, que eu sabia ter alcançado o primeiro premio, como constava dos jornaes e da lista publicada.

— Oh! essa! essa agora!! exclamaram todos.

— Ora, sr. Carlos, *tire o cavallo da chuva*, disse o commendador levantando-se e abraçando-o amigavelmente. Como d'esta vez o fazendeiro já estava de pé e lhe fallou muito de perto, o lyrico enthusiasta interrompeu-se e, olhando para o terreiro, perguntou:

— Está chovendo? Ah! foi uma bruega; não é nada; já passou; vou aproveitar a estiada. Sr. commendador, meus senhores, até breve; e partiu.

— Boa viagem, repetiram todos com o commendador.

D'esse dia em diante por todas aquellas circumvisinhanças, quando qualquer pessoa, á semelhança do sr. Carlos, começava a basofiar e a contar grandes petas, applicava-se-lhe logo a phrase—*tire o cavallo da chuva*—que se foi divulgando e propagando; e é hoje geralmente empregada.

Relativamente á idade de outros annexins, proverbios e locuções populares é esta moderna, e de origem brazileira.

Não consultei para esta origem o meu amigo Geroncio, que guardo como a espadilha para occasião mais embaraçosa. *Dr. Castro Lopes.*

50

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Vai pois a buscal-o, lhe disse o amo; e então, senhor templario, dareis vós uma resposta a este cartel atrevido?

— Responderia com maior prazer com a ponta d'uma lança, do que com a d'uma penna, mas farei o que vos aprouver.

Logo que teve o que lhe era preciso para escrever, assentou-se Bois-Guilbert diante d'uma mesa, e Cabeça-de-Boi dictou-lhe em francez o seguinte:

— Sir Reginaldo Cabeça-de-Boi, e os nobres cavalleiros seus alliados e confederados não recebem desafios de escravos, de servos e de proscriptos. Se o homem, que diz chamar-se *negro preguiçoso*, tem jus ás honras da cavallaria, deve saber que se degrada com a companhia em que se acha, e que não tem contas a pedir a cavalleiros de nobre raça. Quanto aos prisioneiros que fizemos, convidamos-vos por charidade christã, para que lhes envieis um padre, se o podeis encontrar, a fim de que recebam a sua confissão e se reconciliem com Deus, sendo da nossa intenção decidida fazêl-os degolar ainda hoje; e as suas cabeças, postas sobre as nossas muralhas, provarão quão pouco caso fazemos dos que tomaram o partido de os defender. O unico serviço que podeis fazer-lhes é, como acabamos de vol-o dizer, mandar um padre para lhes assistir nos seus ultimos momentos.

Esta carta depois de haver sido dobrada, foi entregue a um escudeiro, para a levar ao mensageiro, que tinha trazido o cartel, e que esperava a resposta.

O mensageiro tendo cumprido d'este modo a sua missão, voltou ao quartel da tropa alliada, que se achava estabelecido debaixo d'um carvalho veneravel, a distancia de quasi tres tiros de flecha do castello. Ali, Wamba, e Gurth com os seus alliados, o cavalleiro negro, Locksley, e o alegre ermitão, esperavam com impaciencia uma resposta á sua intimação. Em torno d'elles, a alguma distancia, via-se um grande numero de yeomens, cujo traje e gesto ousado annunciavam a sua profissão habitual: mais de duzentos estavam já reunidos, e vinham chegando outros. Os que elles reconheciam por chefes não se destinguiam do resto da tropa, senão por uma penna posta sobre o bonné; mas o seu vestuario e as suas armas, eram muito similhantes.

Outra tropa, mas menos bem armada e menos disciplinada, reunia-se igualmente no mesmo logar. A noticia da prisão de Cedric já se tinha espalhado, e os seus criados e servos, acompanhados por um grande numero de camponezes das aldeias visinhas, tinham concorrido para cooperarem ao seu livramento. A maior parte d'elles não traziam outras armas senão foices, mangoaes e ferros das charruas, e outros instrumentos aratorios; pois que os normandos tinham adoptado a politica ciosa dos conquistadores, e não consentiam que os saxonios trouxessem, ou tivessem armas. Esta ultima tropa não era muito formidavel para os sitiados, mas augmentava a força apparente dos sitiantes reforçando-lhe o numero, e inspirava o zelo de que estava animada por tão justa causa.

Ao chefe d'este exercito mesclado foi que se entregou a carta do templario, e apresentaram-na primeiramente ao ermitão para elle a ler.

— Pelo baculo de S. Dunstan, disse o digno anachoreta, pelo baculo do que trouxe para o rebanho mais ovelhas desgarradas, do que nenhum outro santo fez jámais entrar no paraizo, não entendo nada d'este borrão, e não posso mesmo dizer-vos se é francez, ou se é arabe.

Depois entregou a carta a Gurth, que abanou a cabeça, e deu-a a Wamba. Este correu-a com os olhos fazendo momices como um macaco que imita o que vê fazer, e fingindo entender o que tinha debaixo dos olhos fazendo depois uma piroeta, deu o papel a Locksley.

— Se as lettras grandes fossem arcos, e as pequenas flechas, disse o bravo archeiro, talvez que podesse fazer alguma cousa: mas é-me tão impossivel lêr este escripto como matar um perú, que estivesse a doze milhas d'aqui.

— Vou eu pois servir-vos de tabellião, disse o cavalleiro negro; e, tomando a carta das mãos de Locksley, leu-a em primeiro logar, e explicou-lhes depois o conteudo em saxonio.

— Degolar o illustre Cedric! exclamou Wamba. Pela santa cruz, senhor cavalleiro, estais bem certo que vos não enganais?

— Não, meu bom amigo, respondeu o cavalleiro: traduzi-vos fielmente o contendo d'esta carta.

— Por S. Thomaz de Cantorbery? exclamou Gurth, é preciso portanto apoderarmo-nos do castello, ainda que tivessemos de arrancar com as mãos pedra por pedra.

— Receio, diz Wamba, que as minhas não sejam muito proprias para este trabalho: apenas se poderia amassar argamaça para construir uma muralha ocm as pedras que arrancasseis.

— Isto é estratagema para ganhar tempo, diz Locksley, elles não se atreveriam a commetter um attentado de que eu havia de tirar uma vingança horrivel.

— Eu quizera, diz o cavalleiro negro, que algum de nós podesse introduzir-se no castello, para reconhecer o numero e as disposições dos sitiados. Parece-me que visto pedirem elles que se lhes mande um padre, este santo ermitão teria uma occasião de exercer o seu piedoso ministerio, e alcançar as informações de que precisâmos.

— Má peste te arrebente, a ti e ao teu parecer! exclamou o bom ermitão. Digo-vos, senhor cavalleiro preguiçoso, que quando dispo o meu habito d'ermitão, largo com elle o meu latim e a minha santidade; e que, quando visto o meu gibão verde, gosto mais de matar dez perús, do que confessar um christão.

— Temo muito, disse o cavalleiro negro, que não haja entre nós uma pessoa que esteja em estado de fazer o papel de ecclesiastico.

Olharam todos uns para os outros em silencio.

— Vejo, disse Wamba, que o doudo deve sempre ser doudo, e que é preciso que elle arrisque o pescoço em uma aventura, que mette medo aos ajuizados. Sabei pois, meus caros primos, que eu vesti o gibão preto antes de pôr o meu barrete de campainhas, e que teria sido frade se acaso me não reconhecesse com bastante tino para ser doudo. Espero pois que, com a ajuda do habito e capuz do digno ermitão, e pela virtude da sciencia e da santidade, que lhe devem estar annexas, achar-me em estado de dar consolações espirituaes e terrestres aos nosso digno amo Cedric, e aos seus companheiros d'infortunio.

— Julgas que elle tenha bastante juizo para fazer bem este papel? perguntou o cavalleiro negro a Gurth.

— Não sei, respondeu Gurth; mas se acaso não sair bem da empreza, será a primeira vez que não tirará vantagem da sua loucura.

— Veste o habito, meu bravo rapaz, lhe disse o cavalleiro negro, e faz com que teu amo nos dê conta do estado do castello. Os seus defensores devem ser em pequeno numero, e poder-se-hia apostar cinco contra um, que um ataque subito e vigoroso nos tornará senhores do palacio. Mas o tempo insta, parte.

— Entretanto, disse Locksley, cercaremos a praça de tão perto, que nem uma mosca sairá para ir dar novas d'ella. Assim, meu caro amigo, pódes assegurar a esses tyrannos, que pagarão bem cara a menor violencia exercida contra os seus prisioneiros.

— *Pax vobiscum*, diz Wamba, já vestido com o seu habito.

Depois tomou o andar solemne e impostor d'um convento, e partiu para executar a sua missão.

XXVI

O fogoso cavallo é frio ás vezes;
É fogo muitas vezes o indolente,
Fingir-se o frade tolo não é raro,
Fazer do tolo o frade é mui frequente.
Ant. canc. ingl.

Quando Wamba, vestido com o habito e capuz do ermitão, e com uma corda á cintura, se apresenta diante da porta do palacio de Cabeça-de-Boi, perguntou-lhe a sentinella qual era o seu nome, e o que pertendia.

— *Pax vobiscum*, lhe respondeu o doudo. Sou um pobre irmão da ordem de S. Francisco, e venho aqui para exercer os deveres do meu ministerio para com certos pobres prisioneiros, presos n'este castello.

— És um frade bem atrevido, disse a sentinella, em te apresentar n'um logar onde nenhum gallo da tua especie cantou ha vinte annos, á excepção do bebado do nosso capellão que morreu ha já uns mezes.

— Está bem, vai dizer a teu amo que estou aqui, respondeu o pertendido frade; posso-te affiançar que ha de dar ordem para que me recebam, e o gallo ha de cantar de modo que se ouvirá em todo o palacio.

— Muito bem, mas se meu amo me reprehender por ter deixado o meu posto, para cumprir a tua mensagem, prometto-te que hei de vêr se o habito d'um frade é feito á prova de flecha.

Depois d'esta ameaça, o soldado correu a participar a Cabeça-de-Boi a nova extraordinaria, de que se achava um frade á porta, e pedia entrada no castello. Com grande admiração recebeu ordem para o introduzir; e tendo-se feito acompanhar por alguns guardas, por precaução contra qualquer surpreza, apressou-se em obedecer.

Quasi toda a coragem, que tinha resolvido Wamba a uma tal cabeçada, se desvaneceu quando se viu na presença d'um homem tão temivel e temido, como Reginaldo Cabeça-de-Boi; e disse seu *pax vobiscum*, com o qual contava muito para fazer convenientemente o seu papel, mas com um tom muito menos seguro do que até ali. Mas Cabeça-de-Boi estava tão acostumado a vêr tremer diante de si os homens de todas as classes, de sorte que a timidez de Wamba não lhe fez suspeitar cousa alguma.

— Quem és tu, e d'onde vens, padre? lhe perguntou elle.

— *Pax vobiscum*, repetiu Wamba; sou um pobre servo de S. Francisco, e, como atravessava estes bosques, cahi entre as mãos de salteadores, *quidam viator incidit in latrones*, diz a Escriptura, cujos salteadores me obrigaram a vir a este castello, e a preencher aqui os deveres do meu ministerio para com duas personagens condemnadas por vossa veneravel justiça.

— Muito bem; e poderás dizer-me qual é o numero d'esse vagabundos?

— Valente cavalleiro, *nomen illis legio*, o seu nome é legião.

— Frade, responde com clareza, qual é o numero dos vagabundos, ou o teu habito e o teu cordão não te salvarão da minha colera.

— Ah! *eructavit cor meum*, isto é que o meu coração estremeceu com medo logo que me vi no meio d'elles; mas parece-me que tanto yeomens, como aldeões eram uns quinhentos.

— Como assim! exclamou o templario que entrava n'este momento, as vespas ajuntam-se por ventura por aqui em tão grande numero? É tempo d'exterminar esta raça malfazeja.

Depois tomando Cabeça-de-Boi á parte, perguntou-lhe: Conheceis este frade?

— Não, respondeu Cabeça-de-Boi; é sem duvida d'um convento distante. Nunca o vi.

— Então é preciso não lhe confiar a nossa mensagem de viva voz. Que leve á companhia franca de Bracy uma ordem por escripto de vir aqui immediatamente, em soccorro do seu commandante. No emtanto, e para que este tosquiado não suspeite cousa nenhuma, que faça o seu officio e que vá preparar para morrerem estes porcos saxonios.

Cabeça-de-Boi chamou um criado, e mandou que conduzissem Wamba ao quarto, onde estavam presos Cedric, e *Athelstane*.

A detenção de Cedric só serviu para irritar a sua impaciencia. Caminhava com grandes passos d'uma extremidade do quarto a outra, como se se tivera tratado de descarregar sobre o inimigo, ou de dar um assalto a uma brecha; umas vezes fallando comsigo mesmo, outras dirigindo a palavra a Athelstane, que esperava com uma gravidade stoica o desfecho d'esta aventura, digerindo tranquillamente o jantar que tinha comido ao meio dia, e importando-lhe pouco com a duração do seu captiveiro, que, segundo o seu pensar, havia de acabar, como todos os males d'este mundo, quando agradasse ao céu.

— *Pax vobiscum*, disse Wamba entrando no quarto, e disfarçando a voz, a benção de S. Dunstan, de S. Diniz, de S. Duthoc. e de todos os santos do paraizo, vos seja dada!

— *Salvete et vos*, respondeu Cedric. Com que tenção vindes aqui, meu padre?

— Para vos exhortar a prepararvos para morrer, disse Wamba.

— Para morrer! exclamou Cedric: isso é impossivel. Sejam embora tão audazes e tão perversos como forem, nunca ousariam commetter uma barbaridade tão notoria, e tão gratuita.

— Ah! replicou Wamba, contar com a humanidade d'elles, e contar com uma redea d'um fio de seda na bôcca d'um cavallo fugoso. Lembraivos pois, nobre Cedric, e vós tambem, valoroso Athelstane, dos peccados que commettestes: pois que hoje mesmo ides comparecer perante o tribunal do Altissimo. *(Continua.)*

CORREIO DE LISBOA

28 DE SETEMBRO DE 1888.

Continuam a ser muito satisfatorias as noticias que nos veem da familia real portugueza, actualmente em Hespanha. El-rei pode dizer-se que está restabelecido—tão bem lhe fez a viagem. Lisboa prepara-se para receber condignamente a familia real, duplicando-se para isso os motivos—o do regresso e o do restabelecimento do monarcha.

— Passa hoje o anniversario do principe real e de sua augusta esposa. Apesar da dispensa official suas altezas foram cumprimentadas em Cascaes pelo ministerio, pelos representantes das duas camaras politicas, das camaras municipaes, altos funccionarios, officiaes de terra e mar e muitas pessoas da côrte. Cascaes vestiu hoje galas e é imponente o seu estado festivo:—bandeiras e illuminação por toda a parte.

— A imprensa da opposição continua a barafustar injusta e inconvenientemente sobre a questão da Mizericordia d'Aveiro. E' o seu officio. Mas não fará mal a ninguem: affirmo-lh'o.

— Tendo experimentado algumas melhoras, recolheu hontem de Rilhafolhes a sua casa o illustre general Pinto Carneiro, que tanto cuidado nos deu e nos merece.

— Hontem á 1 hora da tarde foi recebido pelo principe regente, no paço da Ajuda, em audiencia solemne o sr. barão de Waecker Galter, novo enviado e ministro plenipotenciario do imperador da Allemanha.

O discurso proferido pelo novo representante da Allemanha, é importantissimo e muito grato para Portugal.

Eil-o:

«*Senhor.*—Tenho a honra de depositar nas mãos de vossa alteza real as cartas credenciaes que me acreditam junto de sua magestade el-rei, vosso augusto pae, como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua magestade o imperador da Allemanha e rei da Prussia.

Considero-me feliz por sua magestade, meu augusto soberano, se ter dignado confiar-me este posto, no qual venho encontrar não só uma illustre dynastia estreitamente ligada á nossa pelos laços de sangue e de amisade pessoal, mas tambem uma tradicção mais que secular de cordealidade entre os dois paizes, e de boas relações entre os dois governos.

E' grato para mim apreciar egualmente quanto nos ultimos tempos essas relações teem ganho consideravelmente em intensidade e importancia.

Pelo que diz respeito ao campo politico tornamo-nos, em muitos pontos, visinhos, e com satisfação accrescento, bons visinhos. No campo economico, a troca dos nossos productos desenvolve-se do modo notavel; e em geral as nossas relações commerciaes e financeiras attingiram um grau de grande intimidade.

Nas ultimas operações de credito do thesouro portuguez, especialmente o povo allemão, tomando n'ellas, como o fez, tão activa parte, deu assim á nação portugueza uma nova prova de sympathia e confiança.

Contribuirei quanto em mim caiba para manter intacta a situação feliz que encontro ao assumir as funcções do meu cargo. e julgo poder contar para o bom desempenho d'esta importante missão com o alto e benevolo apoio de sua magestade el-rei, e concurso activo dos seus conselheiros.»

A resposta de sua alteza real foi a seguinte:

«*Sr. ministro:*—Recebendo de vossas mãos as cartas que vos acreditam junto a sua magestade el-rei meu augusto pae, na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua magestade o imperador da Allemanha e rei da Prussia, foi-me grato ouvir, consubstanciado por vós em breves mas significativas phrases, a enumeração dos laços de multiplice natureza, recentemente estreitadas em mais de um campo, que pendem e approximam Portugal e Allemanha.

No decurso dos seculos da sua historia reciproca nenhuma funda divergencia os separou, nenhuma lucta politica veiu até hoje dividil-os. E na actualidade succede que ao affecto já tradicional entre os soberanos e as dynastias, corresponde felizmente a solidariedade de interesses entre os dois povos.

Alludistes vós, sr. ministro, ás relações de caracter politico agora existentes entre Portugal e o imperio. A notavel e rapida expansão das suas forças economicas e do seu poder politico levou naturalmente a Allemanha a assumir uma parte, que póde ser grande, no empenho commum a outros povos de civilisar e tirar partido de regiões do globo, até hoje barbaras e inhospitas. Portugal, velho luctador n'essa cruzada, saudou com jubilo um facto a que attribuiu desde logo o mais largo alcance historico, e viu com satisfação o imperio tornar-se visinho seu, e bom visinho, como dissestes, nas suas vastas provincias das costas occidental e oriental d'Africa. A cooperação leal que assim poderão prestar-se mutuamente os dois governos contribuirá, decerto, para favorecer o intuito civilisador a que ambos miram.

A approximação no terreno economico tráduzindo-se no vulto rapidamente crescente das transacções commerciaes e na participação directa e valiosa dos capitaes allemães nas operações de credito do thesouro portuguez, é outro facto auspicioso, que assignala, como tão apropriadamente o fizestes sentir, o grau de intimidade nas relações entre os dois povos.

Activar ainda mais essas transacções, corresponder briosamente á confiança depositada em nós, tal é o empenho que por nossa parte nos anima, e que eu gostosamente consigno n'este momento.

Cumpre-me por fim, sr. ministro, assegurar-vos em nome de meu augusto pae, que elle aprecia devidamente as qualidades que nos enobrecem, e que determinaram a escolha da vossa pessoa para a missão importante que vos foi confiada junto a sua magestade el-rei.

No cabal desempenho d'esta podeis contar com a regia benevolencia, e ter como segura a mais diligente e leal cooperação dos ministros de sua magestade.»

O sr. barão disse que os allemães, em muitos pontos do orbe, se tornaram visinhos, e, com satisfação disse que accrescentava: e *bons visinhos.* Tambem nós temos a certeza de que seremos leaes e bons visinhos da Allemanha, e que as nossas relações, quer politicas, quer commerciaes, cada vez mais se estreitarão.

E muito bem disse o illustre representante da grande Allemanha.

— Devem chegar hoje a Paris, de regresso das principaes cidades de Italia, o sr. conselheiro Henrique de Macedo e sua esposa.

— Reune ámanhã a sub-commissão encarregada de organisar a padaria geral do Estado. A sub-commissão compõe-se dos srs. Mattoso dos Santos, Jacintho Parreira, Mendes Guerreiro e Caetano Pereira.

— Foi adjudicada á Empreza Industrial Portugueza a empreitada geral da ponte de Mosteiro e avenidas, por 90:000$000. Que a casa emprezaria ha de cumprir pontualmente o contracto é fóra de duvida.

— O governo portuguez mandou expressar ao gabinete austro-hungaro grande satisfação e muitos agradecimentos pelo acolhimento amigavel que os soberanos de Portugal acharam na Austria.

— Os exercicios militares da brigada foram de um effeito geralmente agradavel. Não era possivel esperar mais. A prova deu o mais completo resultado. O exercito portuguez não é inferior em instrucção aos dos outros paizes que se teem como mais adiantados. Diz-se tudo affirmando-se que todos os que os presenciaram, sem excluir os homens mais competentes, estrangeiros, de differentes armas que assistiram, são concordes em elogiar a parte do nosso exercito que foi chamada a dar provas da sua capacidade militar.

Em virtude de terem sido concedidos tres dias de descanço ás forças que tomaram parte nos exercicios de briga, só marchará para Coimbra, no dia 30, no comboyo da noite, o contingente do regimento de infanteria d'aquella cidade, addido a infanteria n.º 1; ficando sem effeito a ordem, que estava dada para marchar no comboyo da noite.

— Estão já concluidas as pontes metallicas A, B, C, 4, 5, 6 e 7, cujos trabalhos de assentamento foram dirigidos pelo engenheiro belga sr. Saint Palays. Espera-se que em novembro sejam abertas á exploração as estações de Odemira, Sabrosa e Monchique, e em dezembro as de S. Marcos, S. Bartholomeu de Messines, Albufeira, Boliqueime, Loulé e Faro.

— Ao contrario das primeiras previsões dos medicos, vive ainda o infeliz Manuel Gonçalves, que, pelas quatro horas da tarde de segunda-feira ultima, tentou contra a existencia em plena calçada dos Caetanos. Não lhe foi extrahida a bala, achando-se ella alojada entre as costellas do lado esquerdo. O pobre rapaz é sustentado a leite e conserva-se de costas na cama, a unica posição em que póde estar. A namorada tem-o visitado, fazendo-se acompanhar de sua mãe. Manuel Gonçalves exprime uma intima satisfação quando vê á sua cabeceira a mulher de quem um momento descreu. Custa-lhe muito a fallar, mas na visita da manhã d'hoje disse elle em voz sumida á noiva:

«Se eu não morrer, havemos de ser muito felizes, sim?!»

Sobrevindo-lhe, porém, uma dôr physica, que de quando em quando o tortura, murmurou:

«Porque veiu a policia tirar-me o rewolver das mãos? Era melhor. Tinha acabado tudo.»

Parece que ha esperanças de salvação.

— Hontem pelas 7 horas da noite caminhavam socegadamente pela calçada dos Paulistas, Antonio da Silva, impressor, com a sua amasia Luiza da Piedade, quando encontraram Pedro Pereira, conhecido dos dois, marginador da officina typographica dos srs. Castro & Irmão. Antonio da Silva, ao vel-o, afastou-se um pouco da sua companheira e perguntou-lhe se era verdade o que lhe haviam contado de que elle se gabava de ter relações com a Luiza, ao que o Pereira respondeu com uns ares de engraçado cynico: «Ora essa, todos sabem que já fui amante d'essa mulher».

A resposta foi uma bofetada do impressor. Perto estavam uns soldados da municipal, que prenderam o justo castigador da insolencia, o Pereira e a Luiza da Piedade. Na occasião da captura, o Silva passou uma navalha para a mão da mulher, para evitar complicações. Foram recolhidos na casa da guarda do quartel dos Paulistas e estavam todos os tres sentados a dar os nomes, quando a companheira do impressor, mulher dos seus vinte e cinco annos, baixa, atarracada, se aproxima do insolente, de navalha em punho, cravando-lh'a na nuca.

«Tome, diz ella completamente desvairada, para não tornar a diffamar as mulheres que não conhece».

Felizmente o Pereira deu um salto, evitando assim a violencia do golpe, que era evidentemente mortal. O ferido foi levado logo para o hospital, e o seu estado não é grave. Maria Luiza foi remettida ao tribunal. A pobre mulher foi affiançada de graça, pois que todos os empregados do tribunal lhe perdoaram os seus emolumentos.

Ha muito patife por esse mundo sempre prompto a diffamar as pobres mulheres, que procizam a correcção ainda leve, que Luiza da Piedade soube applicar ao tal Pedro Pereira.

— Em Lisboa teem luminarias os edificios publicos e algumas casas particulares. Os escriptorios de algumas redacções tiveram as bandeiras içadas, festejando assim o anniversario dos principes.

— Está-se preparando o paço do Bispo, em Elvas, para ali se hospedar Sua Alteza o Senhor Infante D. Augusto, que, na qualidade de inspector da arma de cavallaria, é esperado n'aquella cidade no principio do proximo mez de outubro.

— Na segunda-feira devem regressar da Figueira a esta capital os srs. viscondes de S. Januario.

— O comboyo mixto vindo do Porto, chegou hoje com um atraso de quasi uma hora por causa do grande movimento de passageiros e de bagagens na linha.

— O *Diario do Governo* publica ámanhã a nota da divida fluctuante em 31 de agosto findo, sendo o total 16.080 contos, menos 1:014 do que em julho. Traz os saldos das contas correntes e *baring*.

— Chegou a Lisboa o sr. duque de Uceda.

— Entrou em convalescença o sr. conde da Praia da Victoria.

— Esta manhã houve um grande susto entre os banhistas da praia de Pedrouços, porque, estando o Tejo bastante agitado, soltou-se a prancha onde estavam paradas algumas senhoras, que iriam na corrente, se não accudisse logo um banheiro.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICACÕES LITTERARIAS

EDITAL

No dia 7 do proximo mez d'outubro, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Aveiro, se ha-de arrematar e entregar-se a quem maior preço offerecer, a seguinte propriedade: Umas casas de habitação terreas, com suas pertenças, sita na Rua Nova, da villa d'Ilhavo, que partem do norte com predio de Maria da Piedade, e do sul com predio de Maria Chibanta, ambas da referida villa e freguezia.

Este predio pertence a Manuel Tuna Senior, e vae á praça em virtude da deprecada passada pelo juizo da comarca de Cantanhede, por execução que a Fazenda Nacional lhe move. Pelo presente, sao tambem citados os credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem seus direitos.

Aveiro, 18 de setembro de 1888.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito substituto

Perdigão.

O Escrivão de Fazenda

José Luiz Ferreira Vidal, Junior.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina de Paris*) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

Muito util tambem como *preservativo.*

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Paris,

E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca. Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma

Adh. DETHAN. Phᶜᵉ em PARIS.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.ᵒˢ, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam erructação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a **assignatura** de **Raquin** e o sello official (em azul) do *governo francez.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis,* PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento

CARRO PARA ALUGAR

JOÃO Nunes de Carvalho e Silva Junior, de Eixo, tem um carro de 2 rodas para alugar.

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Dédé, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis.*»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi nada com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutonts.»

—

Quatro vezes mais nutriente do que e carne, tendo além d'isso, a particularidada de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

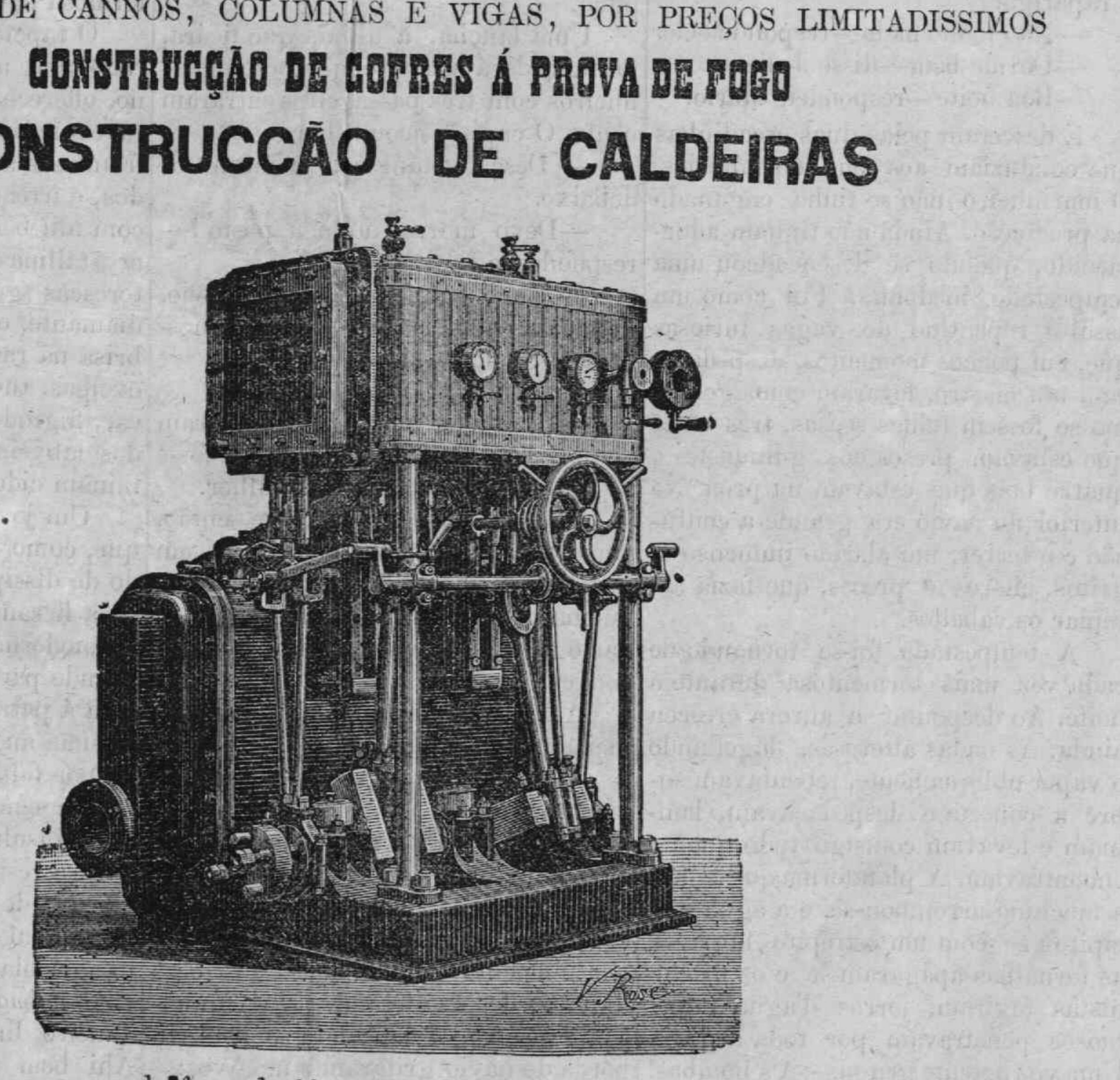
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramarinas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: ***Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta*** e ***Rheumatismo.***

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: ***Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,*** assim como ***Lymphatismo, Escrofulas*** e ***Tuberculose.***

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phᶜᵉ, 102, rue Richelieu, Sᵒʳ de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phᶜᶦᵃˢ.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr. FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY.—Depositos em todas as principaes Phᶜᶦᵃˢ.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicudo

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAÑIA FABRIL "SINGER" SIN ESTA MARCA NINGUNA MAQUINA PUEDE SER LEGITIMA DE NUEVA-YORK PARA FAMILIAS É INDUSTRIALES

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.

Não tem rival.

E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida da *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHEA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

CASA

ALUGA-SE uma na Barra, para o mez de outubro. Fallar com Manuel Pereira da Cruz, ou Francisco Ferreira.

AS IRMAS DA CARIDADE

POR

H. C.

Acaba de publicar-se este folheto, que se vende na Administração d'este jornal.

Preço........ 100 reis

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado..................	360
Brochado..........................	240
ALBERTO PIMENTEL	
Atravoz do passado..............	500
GUIOMAR TORRESÃO	
Almanach das Senhoras, para 1889..	240
EÇA DE QUEIROZ	
Os Maias, episodios da vida romantica. 2 grossos volumes.........	2$000

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario,* em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos.*

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes,* etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas,* etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 89—Porto.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS

DO

SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem e Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qua foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (fornecimentos)=Celleiros communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, omnissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO